© Copyright Pedro Barbosa, 2009

Comunicação com Seres Alienígenas: uma abordagem exo-semiótica

Resumo

1. Uma definição de "exo-semiótica" e seu enquadramento; 2. Comunicação entre seres com estrutura biológica e psíquica distinta; 3. "Cosmo-semiótica" e comunicação interplanetária; 4. Tentativas de semiose humana para o espaço cósmico; 5. Semiose alienígena no planeta Terra; 6. Interacção entre seres mutuamente exógenos e alienígenas; 7. O Irdin como esperanto cósmico, a telepatia e a transcomunicação; 8. A escrita antariana; 9. O problema da telepatia como modalidade de comunicação não-semiótica; 10. Análise de 4 casos de contacto ufológico registados no Arquivo CTEC durante o séc. XX em Portugal.

Abstract:

1.A definition of "exo-semiotics" and its theoretical framing; 2. Communication between beings with different biological and psychological structure; 3. "Cosmo-semiotics" and interplanatary communication; 4. Attempts of human semiosis for the cosmic space; 5. Alien semiosis on planet Earth; 6. Interaction between beings mutually exogenous and aliens; 7. The Irdin as cosmic esperanto, telepathy and transcommunication; 8. Antarian writing; 9. The problem of telepathy as a modality of non-semiotic communication; 10. Analysis of 4 cases from the CTEC archive: ufologic contacts in twentieth-century Portugal.

I
Esboço de um propósito

É propósito deste escrito analisar alguns dos casos mais significativos de contactos ufológicos registados em Portugal antes de 2000 e constantes do Arquivo CTEC. Entre os numerosos casos compulsados, quase todos eles na forma de depoimento ou relato posterior, poucos são aqueles em que é descrita alguma ocorrência que possa ser enquadrada como "interacção comunicacional" com seres não humanos e presumidamente de origem extra-terrestre (importa sublinhar que a natureza "alienígena" dos seres descritos é assumivel, embora faltem muitas vezes elementos para daí se deduzir a sua proveniência como sendo extraplanetária em relação a nós).

Contudo, qualquer que seja a sua interpretação, nasce aqui um problema central: como será possível enquadrar e compreender a comunicação entre seres (supostamente ou não) de natureza ou origem tão diferente? Diferença que se pode manifestar não só na sua estrutura biológica, sensorial, mental, cognitiva, emocional e, até, no que respeita ao plano ontológico ou existencial da sua manifestação?

Na sua grande maioria os testemunhos ufológicos registam casos de comunicação telepática.

É óbvio que isto coloca um desafio à Teoria da Comunicação. E mais ainda à Semiótica, encarada esta como teoria geral do sinal, sendo que na base da comunicação humana está sempre aquilo que é designado como *mensagem*, constituída esta por *sinais materiais*. Na verdade, sendo a "telepatia", por definição, uma modalidade de comunicação empática directa - sem "mensagem" material evidente e portanto sem sinais identificáveis – como a estudar "semioticamente"? Poder-se-á falar de uma comunicação sem "sinais"? De uma não semiose? A contradição é só aparente. Pois não é verdade que esta forma de comunicação é exactamente aquela que prevalece na comunicação entre nós e os animais? Ou entre a mãe e o seu bebé? Não a podemos negar enquanto modalidade de comunicação humana básica e fundamental, embora de difícil estudo científico. Seja como for, aquilo que chamamos de "comunicação telepática" é algo que todos praticamos, mais ou menos desenvolvidamente e de um modo mais ou menos subliminar: não faz portanto sentido negá-la enquanto realidade comunicacional generalizada, muito embora seja grande o desconhecimento de como ela ocorre, através de que meios e sinais ela se processa, e sobretudo como a podemos controlar conscientemente. O problema fundamental, do ponto de vista semiótico é: como distinguir na telepatia sinais evidenciáveis e como os gerir intencionalmente? Teremos então de caracterizar a interacção telepática como uma forma de comunicação não-semiótica, isto é, de mente para mente, empática e sem mediação de sinais? Ignorando a aparente contradição de princípio, é precisamente isso que pretendemos circunscrever, avançando a ideia de comunicação trans-semiótica que nos conduza a algo que denominaremos como "exo-semiótica".

Com efeito, nos casos em apreço, como adiante veremos, quase todos eles apontam para uma comunicação empática, de tipo telepático, onde as testemunhas chegam a relatar uma verdadeira interacção por indução hipnótica (caso-padrão)

II
Cosmo-semiótica e comunicação interlanetária

Los seres extraterrestres se pueden comunicar de tres formas,
ya sea telepaticaménte, o aprendiendo nuestros idiomas,
o hablando en un idioma universalmente conocido llamado el Irdin.
«UNIDAD BIOELECTRONICA DEL SER HUMANO – el origen del Conocimiento Superior»
http://www.geocities.com/rosacruz06010/hk1.htm

Partamos da ideia de que a *linguística*, enquanto ciência, se constituiu historicamente como descrição e análise da linguagem verbal: constituindo a palavra, e sua articulabilidade dentro de um sistema (as diferentes línguas), a modalidade de comunicação inter-humana central e privilegiada ao longo de toda a "nossa" civilização. Digamos mesmo que o uso da "palavra" surge como uma faculdade distintiva da espécie humana. Mas obviamente que a comunicação entre nós e os outros seres vivos (com os animais, por exemplo) existe e não se reduz ao uso da palavra. Mesmo que a palavra possa ser considerada o suporte básico da interacção comunicacional humana, todos sabemos que há muitos outros sinais que a acompanham e por vezes a substituem (gestos, expressões faciais, imagens, sons, sintomas, indícios, etc.) os quais, não podendo ser ignorados, se integram numa teoria sinalética mais alargada, geralmente apelidada de "semiologia". Assim a linguística desaguou na semiologia, de âmbito mais abrangente. Contudo, alargando ainda mais o âmbito de uma Teoria Geral da Comunicação, vemos que essa troca de sinais não ocorre apenas entre os seres humanos uns com os outros, mas também entre os seres humanos com outros seres vivos terrestres; ou mesmo entre os animais da mesma espécie entre si e entre espécies diferentes. A Semiótica constituiu-se assim neste campo alargado da comunicação entre os seres vivos na sua mais diversificada forma: todos sabemos por experiência que um cão não comunica apenas com os outros cães, mas também com o gato da casa e sobretudo com o dono e o dono com ele. Por outro lado há espécies animais, como as abelhas, que desenvolveram códigos de comunicação válidos internamente para a sua comunidade – e daqui arranca o ramo da "zoosemiótica". Numa perspectiva mais alargada ainda, digamos que numa perspectiva "pansemiótica", poderíamos mesmo conceber a relação entre o ser vivo e o meio ambiente como uma troca de sinais contínua, só interrompida pela morte – a vida e a morte poderiam assim ser definidas de um ponto de vista semiótico, sendo a morte o corte definitivo da semiose entre o ser-vivo e o seu meio natural ("natural" de nascimento, *natus*). Seja o lavrador no campo ou o caçador na floresta, ambos lêem e interpretam constantemente o "livro da natureza". De igual modo o cidadão ou o automobilista urbano lê e aprende a interpretar os intensos códigos sociais da rede urbana (também aqui poderíamos definir semioticamente o *stress* actual como o resultado de uma sobrecarga informacional a que o homem moderno se encontra exposto para além das suas capacidades). Avançando nesta estrada larga, tudo então se transforma em *sinal* e a Semiótica aflui numa verdadeira "ecologia" (ecossemiótica) assumindo-se como uma Teoria de Tudo, já que a nossa relação com o Cosmos pode ser entendida como um constante intercâmbio de sinais, nos dois sentidos, lidos e interpretados dentro do Grande Livro do Mundo.

Nesta perspectiva tão genérica, a Semiótica dilui-se a si mesma numa pura "epistemologia" onde todas as ciências e saberes estabelecidos (Física, Astronomia, Biologia, Psicologia, Sociologia, Antropologia, Ecologia, Mitologia, Religiões, etc.) se

integrariam e reduziriam a uma simples (ou complexa) hermenêutica do ser vivo face aos múltiplos estratos da realidade.

Pois bem: que pode então esta Pansemiótica dizer a respeito da possibilidade de comunicação entre seres originários de ecossistemas distintos, sejam eles interplanetários, interestelares ou intergalácticos, ou tão-só pertencentes a planos dimensionais, cognitivos ou ontológicos diferentes? Embora nos falte uma descrição segura dos seres que supostamente se encontram do outro lado da comunicação (qual a natureza desses seres alienígenas, extraterrenos ou transdimensionais) é neste campo que, em paralelo com uma *exobiologia* (já estabelecida na investigação espacial) nos parece pertinente falar-se aqui de uma "*exo-semiótica*"…

III
SEMIÓTICA NO TEATRO CÓSMICO

3.1 Tentativas de semiose humana para o espaço cósmico

> Se reportan unas cien observaciones al día, pero como sale a la luz un exiguo diez por ciento de los casos, quiere decir que se producen más de treinta mil incidentes en el mes, y millares de fotografías, captaciones de radar, aterrizajes, paseos de humanoides y monstruos antiestéticos, huellas y residuos en el terreno, agresiones, raptos de personas, «contactados» y el cuento de nunca acabar.
> http://www.mundoparanormal.com/docs/index2.html

A tentativa de comunicação da nossa parte com eventuais seres extraplanetários tem uma longa história e parece corresponder a um forte impulso da humanidade: conhecem-se projectos desde tempos imemoriais até datas bem mais recentes já em plena era espacial.

Uma proposta vitoriana, ainda em pleno sec. XIX, consistiu na realização de uma cruz de potentes luzes eléctricas que seriam colocadas no lago Michigan. Apagando-se e acendendo-se de dez em dez minutos, acreditava-se então que essas luzes atrairiam a atenção interestelar…

Em meados do século XIX muita gente acreditava firmemente na existência de civilizações na Lua e em outros planetas, tendo-se chegado a propor vários métodos para entrar em contacto com essas civilizações. Por exemplo, o inventor francês Charles Cros (1842-1888), propôs a construção de um enorme espelho, dirigido para Marte, que reflectiria a luz do Sol a partir da Terra segundo uma espécie de código.

Os astrónomos tentaram em várias ocasiões detectar ou enviar mensagens provenientes de inteligências extraterrestres.

Em 1960 parece ter sido feita a primeira tentativa séria de escutar mensagens das estrelas num determinado comprimento de onda: foi o Projecto Ozma, de Franck Drake. A escuta começou às 4 da madrugada de 8 de Abril, sem publicidade, já que os astrónomos temiam o ridículo. Durante 150 horas buscaram sinais inteligíveis mas não detectaram absolutamente nada de conclusivo, tal como sucedeu com outras pesquisas semelhantes feitas posteriormente com radiotelescópios mais sensíveis e a distâncias até 76 anos-luz do Sol.

Já na nossa era, talvez a primeira mensagem que a humanidade enviou para as estrelas foi transmitida a 16 de Novembro de 1974 pelo maior radiotelescópio do mundo, de 300 metros de diâmetro, situado em Arecibo, Porto Rico. Desde então o projecto SETI tem tentado em vão estabelecer contacto interestelar mediante a recepção de ondas rádio segundo padrões bem distintos das fontes naturais existentes no espaço.

Observatório de Arecibo, em Porto Rico, onde se leva a cabo o Projecto SETI, cujo propósito é a busca de inteligência extraterrestre.

Contudo, o caso recente mais paradigmático é o da placa enviada por Carl

Sagan na sonda Pioneer X. Será interessante analisá-lo do ponto de vista semiótico.

Uma outra estratégia utilizada por nós, humanos da era espacial, tem sido o envio de mensagens em sondas e naves na esperança de que possam eventualmente ser recebidas e entendidas por outros seres do espaço. Foi o caso da Pioneer X, lançada a 3 de Março de 1972 em direcção a Júpiter, onde foi fixada à sua antena uma pequena placa em alumínio anodizada a ouro, de 15 por 22,5 cm. Nessa placa foi gravada uma **mensagem cifrada**, concebida pelos astrónomos norteamericanos Carl Sagan e Frank Donald Drake. Foi escrita **em código binário**, tal como era uso nos computadores da época, e localizava a Terra em relação aos pulsares mais próximos, que forçosamente constituiriam "sinais físicos" reconhecíveis por qualquer civilização tecnologicamente avançada. Além disso foi também impressa uma **imagem esquemática** mostrando sobre uma linha recta a posição dos planetas do sistema solar, com a trajectória da sonda Pioneer assinalada entre eles. Contudo, o pormenor mais discutido da placa foi um **diagrama** da aeronave com a **imagem analógica** representando um homem e uma mulher nus. Debateu-se muito se o homem deveria ter o braço erguido, com a mão espalmada, na esperança de que esse **gesto** pudesse ser interpretado como uma saudação de paz. Na verdade a linguagem gestual humana é convencional, tendo mesmo um escritor de ficção científica, Ian Ridpath, argumentado que quando levantou um braço frente a uma jaula de macacos Rhesus, bem aparentados com o homem, estes o atacaram…

Pouco anos mais tarde, um curioso disco de longa duração foi gravado na Terra e enviado para o espaço a bordo das naves Voyager lançadas em Agosto de 1977. Tratava-se de um disco em cobre de 30 cm de diâmetro, 16 rotações por minuto e uma duração de 2 horas: disporão os seres siderais de grafonolas ou de gira-discos compatíveis? Até para nós já seria hoje difícil pô-lo a funcionar… Continha esse disco uma selecção de 116 imagens, gravadas electronicamente, "mostrando" a vida na Terra no século XX, incluindo «fotos» de um feto, uma mãe com o seu filho, uma família, gente de raças diferentes e amostras de vida animal e vegetal. Vários edifícios e uma plataforma de lançamento de foguetões representavam a evolução da tecnologia humana. Havia ainda saudações verbais em 55 idiomas, e uma grande variedade de sons: do vento, do mar, rãs, baleias, até o motor de um tractor e do lançamento do Saturno V. O astrónomo Carl Sagan colaborou na elaboração desses sons da Terra, embora os descrevesse simplesmente como «uma garrafa lançada ao oceano cósmico». Irá encontrá-la alguém? Conseguirão alguma vez ouvir e entender esse disco os extraterrestres? Estes registos parecem pressupor uma ideia antropomórfica algo pueril, pois só seres alienígenas demasiado iguais a nós, sensorialmente e cognitivamente falando, poderiam conseguir alguma vez ouvir, ver e decifrar tais mensagens….

Seja como for, todos estes esforços unilaterais demonstram pelo menos uma coisa: a convicção dos homens de ciência na possibilidade da existência de vida inteligente no espaço mais distante. E, o que é ainda mais curioso, a expectativa de que eventuais seres siderais estivessem "lá em cima", atentos e à escuta, com dispositivos tecnológicos equivalentes aos nossos para receberem e descodificarem as mensagem enviadas.

A nosso ver é o próprio conceito de comunicação interestelar por meios tecnológicos que estará em causa. Será ingenuidade admitirmos que seres muito mais evoluídos que nós não nos tenham já localizado e saibam muito ou tudo a nosso respeito? Por outro lado, de que servirá enviar mensagens para seres menos evoluídos tecnologicamente, que desconheçam por exemplo as ondas rádio, ou cujos dispositivos sensoriais, sendo diferentes dos nossos, torne inviável que qualquer mensagem

luminosa possa por eles ser captada e entendida? Só perante uma civilização de seres biologicamente equivalentes a nós, e com grau de desenvolvimento tecnológico similar ao nosso, tais projectos poderiam surtir qualquer efeito positivo.

Uma insensata garrafa de náufragos lançada hoje no incomensurável espaço sideral?

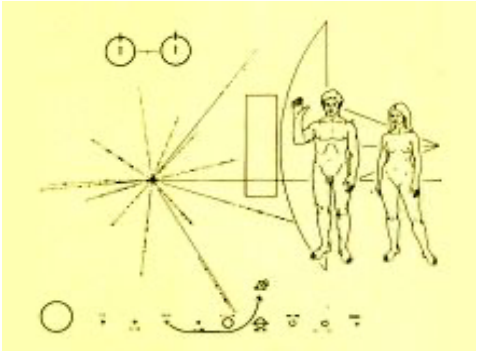
Perguntar-se-á: e poderia ser de outro modo? Admitimos que sim.

Por isso – pensamos nós em voz baixa – porque se fazem tantos esforços para procurar longe o que porventura está tão perto? E quiçá desde sempre se cruzou connosco intermitentemente neste mesmo planeta? Podemos estar certos de saber tudo acerca dele? Até onde nos pode levar a cegueira da nossa arrogância?

3.2 Alguns aspectos semiológicos

Analisemos então do ponto de vista semiológico a famosa mensagem da Pioneer-X.

A placa da Pioneer X consistia num aglomerado de signos visuais intencionais (símbolos convencionais, diagramas, ícones) inscritos nela com o propósito de serem vistos e interpretados por seres exógenos, extraterrenos e interestelares (já que a sonda se perderá algures nos confins da galáxia, bem longe do sistema solar) mas na total ignorância prévia da natureza de tais receptores. Como seriam eles? Alguns condicionalismos biológicos, sensoriais e mentais eram desde logo subsumidos: o de possuírem visão, uma mente racional capaz de deduzir relações matemáticas expressas em código binário, uma estrutura cognitiva equivalente à nossa para que os diagramas pudessem igualmente ser interpretados sem o fornecimento de qualquer código explícito, e uma "experiência" algo antropomórfica para que as imagens pudessem ser relacionadas analogicamente com o corpo despido do homem e da mulher, referência sem a qual nada levaria à conclusão de que essas imagens fossem a representação de seres humanos vivos, construtores da sonda e autores da mensagem. Não será isso exigir muito da parte de receptores inimagináveis dentro das infinitas possibilidades combinatórias que a natureza e o cosmos parecem oferecer na própria estrutura potencial do ADN? Ou, inversamente, não será isso demasiado redutor ao restringir as possibilidades de captação, reconhecimento e interpretação a seres que só antropomorficamente o poderiam fazer? Acreditar que a percepção visual, a lógica e a matemática possam ser propriedades universais na possível diversidade cósmica será levar ainda mais longe aquilo que a própria Terra nos oferece como ensinamento: de que serviria essa mesma placa colocada, no nosso próprio planeta, diante de um símio, um gato, um cavalo, um peixe, uma lagosta ou um verme? Certamente que ela só seria interpretável por alguém cognitivamente muito idêntico a nós e com um desenvolvimento tecnológico equivalente. Ou então por seres muito superiores que pudessem abranger na sua cognição o nosso próprio modo de pensar e de nos exprimirmos. Em suma, tal mensagem só será descodificável por parte de "receptores" com padrões sensoriais, perceptivos, cognitivos e culturais muito semelhantes aos nossos, ou então seres dotados de capacidades extra-sensoriais superiores para a entenderem.



Estes eram os sinais contidos na placa afixada na sonda espacial Pioneer X da NASA, lançada em 1972. Os promotores da ideia propunham-se transmitir a eventuais seres estraterrestres «cultivados cientificamente» uma série de informações acerca da posição do nosso planeta e de nós mesmos, seus habitantes.

Em suma: muito optimismo, alguma inocência semiótica e bastante antropomorfismo. Mas poderia ser de outro modo?

Que entenderiam outros seres a partir destes sinais? Sagan acreditava que qualquer civilização suficientemente avançada cientificamente teria o conhecimento necessário para descodificar os símbolos puramente técnicos: mas não assentará essa sua expectativa na ingénua convicção de que o conhecimento científico e suas bases lógico-matemáticas são uniformes e universais? Nada o confirma; e a diversidade da biologia terrena parece deixar sérias dúvidas… Contudo, o mesmo Sagan já duvidava que os esboços dos seres humanos pudessem ser adequadamente interpretados nos seus gestos de paz, ou sequer reconhecidos como imagens de formas de vida desconhecidas deles…

Na verdade o grande problema semiótico que se coloca na comunicação entre seres mutuamente exógenos não é só o da percepção e reconhecimento dos sinais, nem apenas o da partilha de códigos (linguísticos e culturais), é sobretudo um problema de referência para o estabelecimento dos elos de ligação entre os sinais e aquilo a que eles se reportam no mundo da experiência (já que essas experiências podem ser exclusivas e não partilháveis).

Mas a admitir a possibilidade da existência de seres muito mais evoluídos do que nós no cosmos, isso implicaria também a possibilidade de que esses seres soubessem da nossa existência, ou até que já nos conhecessem e já tivessem visitado o nosso planeta (como muitos depoimentos e dados históricos parecem sugerir). Nesse caso uma tal mensagem seria totalmente inútil e redundante. Daí que, para manifestarmos o nosso desejo de estabelecer contacto com seres alienígenas superiormente evoluídos, se deva, quanto a nós, fazer recurso a processos semióticos mais subtis mas, paradoxalmente, também muito mais básicos e bem mais simples: será a "telepatia" o procedimento adequado? Por muito mal que ainda compreendamos e dominemos essa modalidade de comunicação directa, de mente para mente, uma coisa é certa: a maioria dos depoimentos de "contactados" em toda a parte do mundo (e como veremos também nos arquivos CTEC) referem uma comunicação empática estabelecida exactamente dentro desse registo e por vezes até num padrão muito semelhante ao da "indução hipnótica", embora altamente eficaz e evoluída.

É pois de admitir que qualquer civilização mais avançada domine os problemas da comunicação interestelar ou interdimensional e utilize métodos mais eficazes do que os nossos.

O problema, para nós, só existiria se quiséssemos comunicar com civilizações ou seres menos evoluídos: como comunicar com um ser do tipo de uma barata, de um crocodilo ou mesmo com homens ainda na Idade da Pedra? Contudo, uma coisa é certa: não seriam seres assim que conseguiriam cá chegar nem captar do longe as nossas mensagens. Naturalmente que uma civilização extraterrestre muito mais evoluída adoptaria provavelmente para connosco a mesma atitude que nós perante o reino dos peixes: sabemos da sua existência, pescamos alguns, estudamo-los, mas quem se deteria a tentar uma comunicação impossível?

Seguindo outra via, sábios mais lunáticos chegaram a congeminar línguas artificiais supostamente entendíveis por quaisquer seres longínquos da galáxia. É o caso do projecto Lincos, da autoria do matemático holandês Hans Freudenthal (1960) a fim de poder interagir com os habitantes de outras galáxias. Tal como observa Umberto Eco em «À Procura da Língua Perfeita», o Lincos não é uma língua que ambicione ser falada: é antes o modelo de invenção de uma língua para comunicar a seres com uma história e uma biologia diferentes da nossa.

«Freudenthal – segundo Umberto Eco – supõe que possamos lançar no espaço sinais cuja substância de expressão não conta (podem ser ondas de rádio de duração e comprimento variáveis), contando, sim, a forma da expressão e do conteúdo. Ao

procurarem compreender a lógica que guia a forma da expressão que lhes é transmitida, os extraterrestres deveriam ficar em condições de extrapolar dela uma forma de conteúdo que, de algum mod, não deveria ser-lhes estranha.» (p.287)

Um projecto muito engenhoso.

Numa primeira fase, a mensagem apresentaria sequências de sons regulares que deveriam ser interpretados quantitativamente e – continua Eco – uma vez admitido que os seres vindos do espaço possam compreender que quatro impulsos significam o número 4, introduzem-se novos sinais que deverão ser entendidos como operadores aritméticos:

●●● < ●●●●
●●●● = ●●●●
●●●● + ●● = ●●●●●●

«Depois de familiarizados os extraterrestres com uma numeração binária […] tornar-se-á possível comunicarem-se algumas das principais operações matemáticas». (p.288). O *ensino* dos conceitos de tempo afigura-se mais complexo, mas presume-se que, recebendo constantemente um sinal de uma mesma duração, em correlação com o número três, *os seres vindos do espaço possam começar* a calcular a sua duração em segundos. Seguem-se regras de interacção conversacional, mediante as quais os interlocutores deverão ser familiarizados com sequências traduzíveis como «Ha diz a Hb: Qual é o x tal que 2.x = 5 ?»

«Em certo sentido – ironiza Eco – a aprendizagem processa-se como quando se amestra um animal, submetendo-o repetidamente a um estímulo e fornecendo-lhe um sinal de aprovação quando a resposta é a adequada, com a diferença de que o animal reconhece de imediato a aprovação (por exemplo, a recepção de alimento) ao passo que *os seres vindos do espaço* devem ser levados a reconhecer, através de exemplos sucessivos e repetidos, o significado de um "OK". É deste modo que o projecto supõe a possibilidade de comunicar igualmente significações como "porquê", "como", "se", "saber", "querer" e até "jogar".» (*Ibidem*)

A contradição e o caricato, quanto a nós, residem nisto. Por um lado, o Lincos supõe que tais seres vindos do espaço possuam uma tecnologia que os torne capazes de receber e descodificar comprimentos de onda e uma inteligência assente em critérios lógicos e matemáticos afins dos nossos (o que faltaria demonstrar). Também implicita que tais seres devam assentar o seu raciocínio nos princípios básicos de identidade e de não-contradição, e ainda o hábito da indução, o que lhes permitiria inferir a regra a partir de uma sequência de casos. Comenta Eco: «Não se trata de uma premissa de somenos, porque nada exclui que possam existir extraterrestres que "pensem" segundo regras variáveis…» (*ibidem*). Ora, concedendo-lhes essa proeza de inteligência, seria congruente que seres tão superiores a nós – que dominam até uma tecnologia capaz de os trazer até ao nosso pobre planeta – fossem tratados tão paternalistamente quanto o explorador europeu que interage com um selvagem?

Não será mais congruente – interrogamo-nos nós – admitir precisamente o contrário?

O projecto parece-nos interessante, contudo, por tentar construir uma linguagem independente da exibição de objectos físicos e portanto menos dependente de isomorfismos biológicos e sensoriais.

Mas indo um pouco mais longe, chegamos à possibilidade, muito mais eficaz para superar barreiras orgânicas e sensoriais, de se recorrer ao uso da "telepatia" (por muito mal que a dominemos). E então, como muito subtilmente observa ainda Umberto Eco, chegamos ao limiar de uma nova pragmática comunicacional. «Imaginemos uma comunidade de seres com poderes telepáticos desenvolvidos (o modelo pode ser o dos

anjos, que lêem as mentes uns dos outros […]: para seres de semelhante tipo, a estrutura interaccional de pergunta-resposta não teria sequer qualquer sentido.» (p.289)

E então, nesse caso extremo (e que é o que os factos testemunhados nos revelam) de que serve uma linguagem articulada de sinais? De que serve mesmo qualquer "linguagem"?

Talvez tudo se revele incrivelmente mais simples…

Com efeito, se pela nossa parte só agora estamos a tentar comunicar com seres ou civilizações distantes que possam existir em outros planetas, é muito possível que, sendo elas mais evoluídas, já há muito saibam da nossa existência, ou cá tenham estado e se mantenham a par da nossa evolução. Muitos são os indícios e as fontes que apontam para essa possibilidade.

3.3 A comunicação no sentido oposto: semiose alienígena no planeta Terra

> En realidad, ¿no será que ya hay extraterrestres viviendo entre nosotros? Si quisiéramos estudiar una cultura primitiva, trataríamos de pasar lo más desapercibidos posible. Del mismo modo; un buen hombre de ciencia extraterrestre preferiría observarnos sin ser visto. Y si los extraterrestres quieren entendernos realmente, lo más probable es que se mezclen con nosotros. ¿Qué mejor sistema que adoptar una apariencia humana, para pasar desapercibidos? De modo que quizás ya nos estén vigilando: quizá los extraterrestres están más cerca de lo que imaginamos.
> http://www.mundoparanormal.com/docs/index2.html

No domínio ufológico, estamos longe de qualquer consenso quanto à natureza, origem e modo de existência de seres alienígenas ou mesmo de seres extra-planetários. Há fontes que apontam para cerca de 11 linhagens diferentes assinalando a sua presença na Terra em diversas épocas e lugares, com intensidade e frequência variável desde os tempos mais remotos: fala-se nos zeta-reticulianos, nos antarianos, pleiadianos, orionianos, andromedanos, rigelianos, sirianos, etc., todos eles com morfologia ou estrutura vital distinta, e portanto com comportamentos manifestativos e comunicacionais também distintos. Todavia, mesmo sem essa caracterização consensual fiável sobre os nossos parceiros do outro lado do par emissor/receptor numa comunicação exo-semiótica, pensamos que tal não é essencial para podermos lidar com essa incógnita no processo de semiose e assim analisarmos a comunicação estabelecida mesmo na incerteza da sua fonte.

Aliás, a inumerável quantidade de testemunhos colhidos no nosso mundo sobre contactos estabelecidos com seres alienígenas ("seguramente" não humanos e possivelmente extraterrenos [1]) fornece-nos para análise um processo de comunicação supostamente estabelecido embora desconhecendo a natureza do emissor. É o que ocorre nos 4 casos seleccionados para análise no espólio do CTEC.

Quer provenham de outros planetas ou de planos superiores da própria Terra, e sendo pouco consensual a origem dos seres relatados nestes depoimentos, assentemos

[1] Como é sabido a linguagem e o pensamento são, entre nós humanos, instrumentos indissociáveis para interpretarmos a realidade que se nos oferece. Depara-se-nos este fenómeno: o aparecimento de seres com capacidades sobrenaturais relativamente a nós. Consoante as épocas, diversidade cultural e experiência do cosmos, assim os interpretamos ora como aparições divinas (num quadro cultural místico-religioso), ora como espíritos, seres de luz, mestres ascensos ou entidades astrais (contexto espírita e esotérico), ora como viajantes de outros universos (numa visão científica relativística ou ufológica). O que dantes eram anjos ou aparições sobrenaturais, hoje são OVNIS e seres extraterrestres. Mas falaremos da mesma realidade? Esse o pomo das discórdias…

então no seguinte: são seres, viventes e pensantes, de natureza desconhecida entre as espécies biológicas da Terra, geralmente assumindo a forma humanóide, mas evidenciando uma superioridade óbvia relativamente à humanidade (quer tecnologicamente, quer espiritualmente, e portanto no que concerne aos seus poderes mentais). Sem nos ser possível colocar em dúvida a autenticidade de tantos milhares de depoimentos confirmados ao longo de séculos, e porque necessitamos de lhes atribuir um nome, designá-los-emos então genericamente como seres "alienígenas", fazendo assim jus à sua natureza exótica, à sua ignota proveniência e à sua "diferença" relativamente a tudo o que até agora temos assente como conhecido no nosso mundo terrestre.

Como se poderá então conceber a comunicação com seres **alienígenas** assim definidos?

De acordo com inúmeras fontes e milhares de depoimentos, podemos adiantar, em síntese, que seres "extraterrestres" têm comunicado connosco segundo três modos dominantes:

1. MODO 1 – Falando a língua do próprio interlocutor (a língua não representa uma barreira para "eles"). Seja porque a aprendem quando fazem um percurso na Terra materializados em forma humana (alguns – caso dos antarianos – parecem ter a capacidade de assumir a forma humana de modo relativamente estável), seja porque apreendem instantaneamente por telepatia (ou sintonia vibracional) o sistema da língua usada por aqueles com quem falam. Além disso, vários testemunhos recentes relatam o emprego de tecnologia de "transcomunicação", ou seja, uma espécie de sistema de conversação ou tradução instantânea que os ajuda a comunicar sobretudo quando necessitam de enviar mensagens escritas (projectando-as por exemplo num ecrã de computador ou de telemóvel, como hoje sucede). Isto explica a perturbante dúvida que assalta os cépticos quando comentam com ironia: porque falam os tripulantes dos OVNIS em inglês na América, em português no Brasil e em castelhano na Argentina? Com efeito, parece que eles conseguem transcodificar qualquer língua. (veja-se adiante o CASO 2 e o CASO 4)
2. MODO 2 – Usando o Irdin. Além da telepatia, o Irdin parece ser usado por eles entre si como idioma intergaláctico. Por vezes utilizam-no também diante dos humanos, ou mesmo entre eles se não dispõem dos outros recursos ou não estão preparados para comunicar de modo mais inteligível - muitos testemunhos parecem indiciar essa hipótese. (veja-se adiante também o CASO 2)
3. MODO 3 – Por telepatia ou sintonia de frequência vibratória, levando à indução psíquica e a casos documentados de controle mental muito aparentados com a indução hipnótica instantânea. (veja-se adiante o CASO1 e CASO2)

3.3.1. O Irdin

Pouco podemos dizer aqui de fonte segura sobre o Irdin, por insuficiência nossa. Embora o tema seja aliciante para a compreensão da origem das línguas e o mito da primeva "língua adâmica" ou da "língua universal" de suposta origem "atlante", remetemos o leitor para o livro de Umberto Eco, *À Procura da Língua Perfeita*, que é uma estimulante e consistente indagação semiológica a ter em conta.

O Irdin, segundo várias fontes da Internet (com a falibilidade que isso representa mas que aqui referimos apenas a título de curiosidade) é tido como o idioma falado em todos os planetas superiores e foi estabelecido há muito como o idioma de comunicação intergaláctica, embora, ao que sabemos, actualmente a cair em desuso (cf. http://www.geocities.com/rosacruz06010/hk1.htm). Muitos são os testemunhos de "contactados" que referem ouvir os alienígenas a falar entre si numa língua de sons estranhos, parecida com cliques e estalidos, totalmente incompreensível para eles. No Arquivo CTEC um dos relatos parece aproximar-se, ainda que vagamente, da descrição-tipo de uma linguagem ininteligível aos ouvidos humanos quando a testemunha de um avistamento OVNI refere que "*ouviu falar bastante mas não percebia nada e fazia muito eco*" (Documento CNIFO, Eugénio G. Saraiva, 07/1949, Balugães, VC, pag.3)

Ou ainda, conforme analisaremos no CASO2: «As palavras por mim ditas, soaram-me como terminadas quase todas em Í (carregado) e ÍO»

O Irdin é um idioma engenhoso de base onomatopaica, aparentemente introduzindo relações motivadas na referência das palavras às coisas designadas. Melhor dizendo: na origem das palavras está o som vibracional que os próprios objectos ou os fenómenos produzem. Assim, à semelhança de palavras como o "gong" chinês (porque o próprio objecto vibra e faz "gonnnnng") ou "crash" em inglês (imitando o choque de automóveis), também em Irdin um trovão se diz "ZUN" porque vibra, soa assim.

Por exemplo: "nasceu um bebé" em Irdin dir-se-á: «ET ZUN RAM», onde ET significa "ser", ZUN é "raio" e RAM a vibração do Criador para dar origem ao novo ser.

É hoje por muitos admitida a hipótese de que seres extraterrestres tenham visitado o nosso planeta desde tempos imemoriais, sendo denominados por aqueles que os viam como anjos, deuses, Elohim e outras designações equivalentes, consoante as culturas: sempre para referirem seres vindos do céu com poderes superiores. Antigos sacerdotes terão sido os guardiães do conjunto das palavras recolhidas a que chamaram SANS, ou idioma dos deuses, e SÂNSCRITO à sua forma escrita, o idioma mais antigo da Terra ainda conservado na Índia como língua sagrada. Segundo esta tradição (cujo fundamento histórico nos escapa, importa esclarecê-lo) o sânscrito seria um derivado do Irdin, embora não seja o Irdin; também muitas palavras do grego e do latim tirariam dele as suas raízes etimológicas.

O Irdin estaria baseado na vibração que produz um objecto, acção ou ideia, assim gerando uma harmonia causal entre as frequências vibratórias dos fenómenos e as ondas cerebrais, factor da sua universalidade em termos de entendimento cósmico. Esta relação mágica na conexão entre a linguagem e o mundo, que na origem o caracterizava, parece sobreviver ainda no efeito vibratório dos mantras hindus.

Em alguns países da América latina com abundante casuística ovnilógica (Peru, Argentina, etc.) chegam a ministrar-se cursos de Irdin para participantes em percursos do chamado "turismo ufológico", mas por nossa parte nada podemos garantir acerca da sua fundamentação científica. Por exemplo, e apenas a título folclórico, para se poder ter uma ideia da sonoridade que a caracteriza, aqui fica uma espécie de mantra (Michinguana Punga) entoada pelos caminhantes que se dirigem à "montanha mágica" de Uritorco, na Argentina, onde se diz existir uma base intraterrena de ET's, invocação que, segundo a lenda, terá sido "passada" por eles: «GUANA IAMANUAK, GUANA IGUAIKUANA, MANUANA IKU, SUATUMANA», que significa aproximadamente isto: «Convocados pela luz dos amados Irmãos, aqui vamos».

Exemplos de léxico: SAT, verdade; SHAR, erro; SISNA, realidade desperta; DARI, resistência à força; ETER, resistência por anulação.

Segundo algumas fontes ocultistas o Irdin seria na realidade uma linguagem pleiadiana adoptada como linguagem intergaláctica entre os planetas superiores (de

modo algo semelhante ao inglês actualmente no planeta Terra). Uma espécie de esperanto cósmico.

3.3.2. A escrita antariana

Em termos de escrita, e para nós de fonte mais segura por se tratar de um "contacto" directo que mantemos há anos, permitimo-nos apresentar aqui alguns exemplos de uma escrita curiosíssima usada pelos Antarianos.

Esclareça-se previamente o seguinte: supostamente provenientes de um planeta do sistema estelar que a ciência humana designa por Antares, os antarianos são uma presença referenciada entre nós nas últimas décadas, embora raramente registada em livros de ufólogos[2] porquanto as suas bases, ao que sabemos ligadas à água, se concentram em território sul-americano e brasileiro inacessível aos humanos (matas de Goiás e floresta amazónica, por exemplo). A sua particularidade mais importante é o facto de estes seres, de natureza polimorfa, poderem assumir, entre outras, a forma humana (mas também a de golfinho quando na água, de onde vem o lendário "boto-rosa" da Amazónia). A forma humana, sendo instável, é temporalmente limitada, pelo que parecem às vezes ser substituídos por "clones" quase indistinguíveis para nós quando precisam de se "reconstruir" fisicamente sem interromper determinada missão. Tal capacidade permite-lhes misturarem-se e conviver com os humanos sem serem facilmente notados, aparecendo e desaparecendo inexplicavelmente do nada. São tidos como "seres do bem" e muito amigáveis em relação aos humanos. Aparentemente com o propósito (entre outros fins não revelados mais importantes) de seduzirem sexualmente determinados seres humanos e assim criarem seres "híbridos" tidos por nós como seres humanos "especiais", torna-se muito difícil para quem lida com eles fazer a distinção entre uns e outros.

É com fonte em um desses seres, conhecido inicialmente na Amazónia, que aqui apresentamos alguns breves exemplos de palavras antarianas escritas a nosso pedido – esta escrita foi curiosamente designada como "gravetos" por um outro ser, que supomos de origem humana mas "híbrida". E é singularmente parecida com o que uma outra fonte apelida de "comunicação consciencial".

Esclareça-se ainda o seguinte:

1. Esta escrita é usada sobretudo como registo, em complemento com a comunicação telepática (**focalização** ou **mentalização**, como eles lhe chamam) quando esta não é viável.

2. Esta escrita em forma de "gravetos" é visualmente feita de traços e figuras geométricas, mas o seu sistema é mais semelhante a uma estrutura ideográfica como a

---

[2] Entre os poucos autores que fazem breve referência ao povo Antariano entre nós conta-se Trigueirinho, Rodrigo Romo e Rolf Waeber em «*Who is Who in the Greatest Game of History – an overview of extraterrestrial races*», obra onde os antarianos são relacionados com o self superior dos Zetas.

Rodrigo Romo em *Operação Resgate*: «Outro grupo de luz e de muito amor – que reside no que chamamos de Constelação do Escorpião – é constituído por seres de luz (**com forma humanóide**) que habitam entre a 5ª e a 6ª dimensão. Buscam ajudar na emissão de energia para dar suporte à estabilidade dos portais e do Cinturão de Fotões na recolocação de novas órbitas planetárias. Este grupo tem enviado muitas naves de luz e comandantes de diversas especialidades para sustentar os egregores e o suporte material para a construção das bases orbitais de resgate. Poderosos engenheiros siderais, ele têm ajudado a projectar as modificações que as naves têm sofrido para sustentar a vida astral e principalmente física em muitas naves de estrutura material densa, presentes em nosso quadrante.» (p.129)

da escrita chinesa (aliás um dos símbolos é singularmente semelhante ao do Sol chinês, embora em simetria, talvez porque o movimento foi feito da esquerda para a direita).

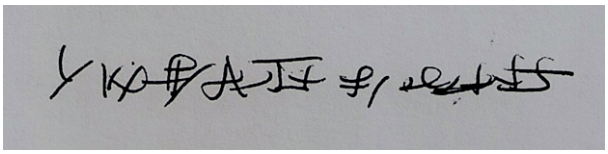
3. Ao que pudemos entender, nenhum dos signos corresponde a um som, mas antes a uma "vibração interna", algo como uma ideia a que corresponde uma "vibração energética" que só vagamente se pode fazer corresponder (e com bastante imprecisão) a ideias, sentimentos ou sons da linguagem humana.

4. A semelhança desta escrita com as primeiras escritas mais antigas (suméria na forma, ou chinesa na estrutura ideográfica) faz reflectir sobre a hipótese de algumas investigações ufológicas que admitem, com base em canalizações ou relatos de abduzidos, serem as escritas primitivas legados da presença extraterrena ao tempo dos "Elohim" (Annunakis? Nefilins?).

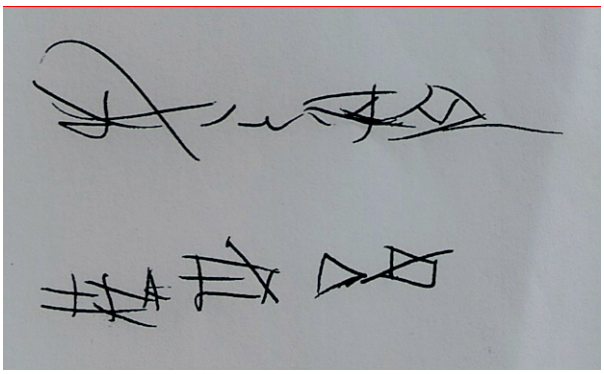
5. Todas estas palavras, abaixo digitalizadas, foram escritas a nosso pedido no Algarve em Abril de 2009 pela mão de um "contacto" antariano de nome SABA, e sintomática foi a dificuldade que teve para converter as palavras em conceitos humanos e sobretudo em sons que correspondessem à sua "vibração interior".

6. A direcção da escrita foi da esquerda para a direita

7. É nesta escrita que Saba vem elaborando há anos o seu "relatório" durante a sua intermitente presença no nosso planeta, relatando tudo o que vive e vê em jeito de antropóloga (daí talvez - mas isto é mera congeminação nossa - o seu nome SABA, uma **enviada** para dar "notícias", "novidades" da Terra - de notar a repetição do mesmo símbolo, semelhante ao ideograma chinês para Sol, tanto em LANTANOS (indígenas da Terra, talvez Sol III) como em SABA (repórter de Sol III).

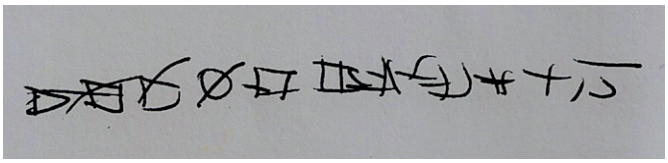


"som": LANTANOS - equivalente a indígena do planeta Terra (ser humano)

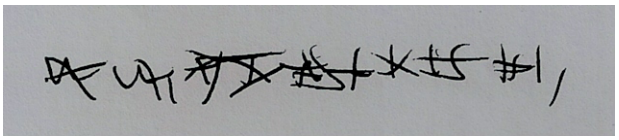


"som" SABA – equivalente a busca, novo, coisa nova, novidade, notícia?, etc.
(escrita acima em modo cursivo, em jeito de assinatura; e em baixo em caracteres que diríamos "tipográficos")

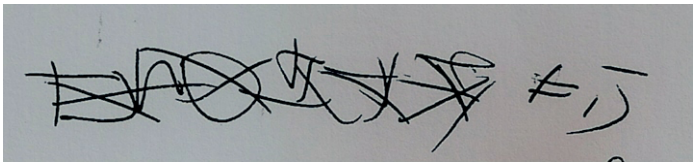
Em Japonês o 1º símbolo parece "pedra"



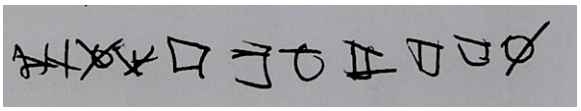
"som": LESLY – sentimento, amor



"som" THUNTHA – força, ânimo, disposição mental

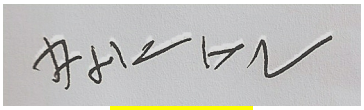


"som" SCLA – amor, sexo, acasalamento

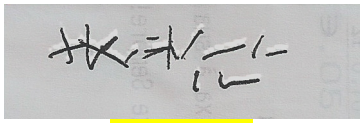


Sem correspondência sonora traduzível: vida, alegria

Contudo, a mais surpreendente palavra é KONDONK. Nome que os Grays antarianos dão ao instrumento, tipo "vara magnética", que os abduzidos descrevem normalmente nas mãos dos seus abdutores durante as operações, observações médicas ou imobilizações de tipo hipnótico (Cf. adiante pág.31, Desenho nº 3, CASO 4). Espécie de *vareta de cristal* usada pelos Antarianos, também entre eles, para energizar a água, sumos ou bebidas, e sobretudo na sua actuação com os abduzidos durante as suas curas ditas "transdimensionais" (aplicações de energia, eliminação de dor, etc.).
Pelo seu poder mágico aos olhos dos humanos, parece que uma reminiscência antiquíssima desse instrumento é ainda conservada pelo folclore europeu na figura lendária das "fadas" com a sua VARINHA DE CONDÃO: curiosa a similitude sonora entre a palavra antariana "kondonk" e a palavra "condão" (poder, poder mágico), usada em português e outras línguas de origem latina.[3] Mera casualidade?



KONDONK:
1ª forma de escrita



KONDONK:
2ª forma de escrita

[3] Do latim: *condonare*, doar, via *condõar* – virtude especial, poder misterioso, a que se atribui influência benéfica ou maléfica: *possuir o condão de hipnotizar*; dom, faculdade; *vara ou varinha de condão*, vara mágica de feiticeiras e fadas – segundo Lello Universal.

3.3.3. A telepatia

Ficam aqui só levantadas as pontas de um véu: sobre o mito da **linguagem universal** que percorre quase todas as culturas e parece estar presente, enquanto arquétipo dinâmico, na zona obscura da nossa mente colectiva.

O sonho de reencontrar a língua edénica, a língua das origens, a língua primeva dos progenitores enquanto língua-fonte originária, pré-babélica, anterior à confusão universal, atravessa toda a cultura ocidental desde a Antiguidade. Percorre a Idade Média, o Renascimento e refloresce na Idade Moderna com a visão historicista, impregnando fortemente as investigações de linguística histórica do século passado, onde a involução da linguagem fez remontar a arqueologia das línguas ocidentais até ao sânscrito e a um hipotético primevo indo-europeu. Ou até uma lendária língua Atlante, de que o Irdin seria a versão actual…

Mas esse mito regressivo segue de par com o projecto de fundar uma **língua universal**, válida de novo para todos os homens, de que o Volapuk e o Esperanto terão sido porventura os exemplos mais difundidos desde fins do século passado. Hoje, na Era Espacial, este sonho amplia-se até uma dimensão cósmica: o desejo de encontrar uma linguagem constituída de sinais facilmente interpretáveis por supostas civilizações extra-terrestres acompanha, como vimos, algumas naves e sondas interplanetárias, como foi o caso da *Pioneer 10*, em 1972, com a mensagem que levou para fora do sistema solar. Mas mesmo uma língua universal, assente no ilusório carácter universal das imagens, exige de outros seres um dispositivo visual semelhante ao nosso, o que não é de todo provável; por outro lado, uma linguagem universal de base matemática, como foi o caso do projecto Lincos, elaborado pelo matemático holandês Freudenthal (1960), exige no mínimo dispositivos de raciocínio equivalentes aos nossos; e a emissão de ondas rádio-astronómicas (Carl Sagan: «*Contacto*»), pressupõe também do outro lado dispositivos tecnológicos semelhantes aos do estádio actual da nossa própria civilização...

Não serão todas estas tentativas ingenuidades antropomórficas, ainda que nascidas de um anseio humano comum de **contacto** com outras civilizações extraterrestres?

Aqui se intercala a hipótese telepática. A ideia aqui avançada (e reforçada pela casuística ufológica) é então esta: a linguagem universal, enquanto mito ou enquanto projecto, não deverá passar antes pela **indiferenciação dos sinais**, em vez de aspirar, como sempre tem acontecido, à sua utópica uniformização? Não deverá apontar-se antes na direcção de uma comunicação não-semiótica, tele-pática, mente-a-mente, ou seja, passando por cima da diferenciação civilizacional das línguas, dos sinais, dos sentidos, ou até por cima duma diferenciação biológica e mental? Nesta perspectiva, a telepatia seria a encarnação ideal do mito da "linguagem universal", essa língua de **"iluminação interior"** com que nas religiões os deuses falavam aos homens inspirados. Mais: a telepatia assumir-se-ia como uma linguagem global, totalizadora, capaz de superar as barreiras do espaço e do tempo!

Mas quando aqui se sugere a telepatia como comunicação universal, deverá inferir-se que a estamos a colocar num patamar evolutivo superior do tipo de uma comunicação pós-verbal? Não. Trata-se quanto a nós de um meio de comunicação corrente (embora individualmente mais ou menos desenvolvido), ao qual os seres vivos recorrem quando os dispositivos sensoriais, mentais ou biológicos são desajustados e não recíprocos entre si. Nesta perspectiva a telepatia pode também funcionar como uma forma de comunicação pré-verbal. Ou antes: meta-verbal.

Pense-se: como comunica a mãe com o seu bébé recém-nascido? Como "sabem" as mães o que afecta os seus bebés quando eles choram e ainda não sabem falar? Como é que tantas vezes homens e animais comunicam entre si? Trata-se aqui (comunicação mãe-filho, comunicação homem/animal) de uma comunicação para-racional, meta-lógica, empática, intuitiva, subconsciente, subliminar, hiperestésica: não são os conteúdos racionais que são comunicados, mas sim os conteúdos pragmáticos, sensoriais, emotivos ou de ordem afectivo-emocional.

Por isso a **comunicação verbal**, enquanto modalidade de comunicação lógica, racional e consciente, continua a ser indispensável e insubstituível pela telepatia entre os humanos (até porque, esta, ainda a dominamos muito mal ou não temos poderes para isso). Estudos recentes

têm relacionado as faculdades psi e a telepatia com o desenvolvimento da glândula pineal (o "3º olho" [4]), atrofiada no ser humano adulto mas que aparenta um recrudescimento nas ditas crianças índigo da chamada Nova Era. A linguagem verbal permanece, assim, como a forma de comunicação racional mais elaborada e insubstituível no estádio do conhecimento científico actual – e a modalidade de comunicação inter-humana por excelência.

Contudo, não será preciso recorrer às ciências cognitivas para compreendermos como qualquer imagem do mundo (qualquer sistema epistemológico) depende das **bases biológicas** e dos aparelhos sensoriais através dos quais qualquer ser vivo entra em contacto com o mundo e com outros seres vivos: que pode um verme (cego, surdo e mudo) saber de nós ou do mundo que o rodeia? Como conceber um eventual processo comunicativo entre esse "verme" e um ser humano? Ou entre nós e o habitante de Sírios com que no século XVIII, em «*Micrómegas*», sonhou Voltaire?

Aqui radica a hipótese telepático-cósmica: a hipótese de uma telepatia universal conectando as consciências do universo!

O modelo de uma "linguagem espacial" ou melhor, de um processo de **comunicação cósmica universal**, deveria exactamente ser concebido sobre este **modelo tele-pático**, mente-a-mente, que prescindisse de recorrer a **sinais materiais** sensíveis ou a quaisquer objectos físicos. Um processo comunicacional, por conseguinte, independente da natureza biológica ou dos

---

[4] Cf. WIKIPÉDIA – a enciclopédia livre: http://pt.wikipedia.org/wiki/Glândula_pineal .

«A **epífise neural**, **glândula pineal** ou simplesmente **pineal** é uma pequena glândula endócrina localizada perto do centro do cérebro, entre os dois hemisférios, acima do aqueduto de Sylvius e abaixo do bordelete do corpo caloso, na parte anterior e superior dos tubérculos quadrigémeos e na parte posterior do ventrículo médio. Apesar das funções desta glândula serem muito discutidas, parece não haver dúvidas quanto ao importante papel que ela exerce na regulação dos chamados ciclos circadianos, que são os ciclos vitais (principalmente o sono) e no controle das atividades sexuais e de reprodução. […]

Esquema de funcionamento da glândula pineal segundo Descartes (1641):

A glândula pineal tem sido considerada – desde René Descartes (século XVII), que nela situava a alma humana – um órgão com funções transcendentes.

Com a forma de pinha (ou de grão), é considerada por certas correntes religioso-filosóficas como um **terceiro olho** devido à sua semelhança estrutural com o órgão visual. Localizada no centro geográfico do cérebro, seria um órgão atrofiado em mutação com relação em nossos ancestrais.

Os defensores destas capacidades transcendentais deste órgão, consideram-no como uma antena. A glândula pineal tem na sua constituição cristais de apatita. Segundo esta teoria, estes cristais vibram conforme as ondas eletromagnéticas que captassem, o que explicaria a regulação do ciclo menstrual conforme as fases da lua, ou a orientação de uma andorinha em suas migrações. No ser humano, seria capaz de interagir com outras áreas do cérebro como o córtex cerebral, por exemplo, que seria capaz de decodificar essas informações. Já nos outros animais, essa interação seria menos desenvolvida. Esta teoria pretende explicar fenômenos paranormais como a clarividência, a telepatia e a mediunidade.

O espiritismo dedica-se à formulação destas explicações desde Allan Kardec (século XIX). Já na visão dos hindus, é o principal órgão do corpo, possuidor de dois chacras ou centros de energia responsáveis pelo desenvolvimento extra-físico, como receptores e transmissores de energia vital: o chacra do terceiro olho, central na testa, acima da altura dos olhos, e o chacra coronário, mais superior, também na cabeça.

Mas tudo isto carece de uma explicação mais detalhada que permita chegar a conclusões científicas.»

dispositivos sensoriais e racionais dos seres envolvidos no processo, bem como da aparelhagem tecnológica que em tal caso mediaria sempre a emissão-recepção dos sinais entre seres pertencentes a mundos físicos diferentes.

Até agora, com efeito, todas as tentativas de contacto feitas pelos humanos com eventuais civilizações extra-terrestres sempre foram sustentadas em processos comunicacionais dependentes de sinais materiais: mas será assim da outra parte?

Tudo indica que não. A grande percentagem dos testemunhos não falsifiáveis de relatos descrevendo presumíveis contactos humanos com supostos seres alienígenas ou extraterrenos apontam todos, desde os textos bíblicos aos mais antigos textos religiosos, para **contactos psíquicos** não mediados por qualquer linguagem articulada. Todos estes relatos sugerem contactos do tipo telepático ou extra-sensorial, por hiperestesia indirecta do pensamento (tipo ondas psi-gama), onde o processo de comunicação se apresenta de uma forma global, empática, não mediatizada por sinais materiais reconhecíveis, levando a pensar numa comunicação metapsíquica sem semiose materializável.

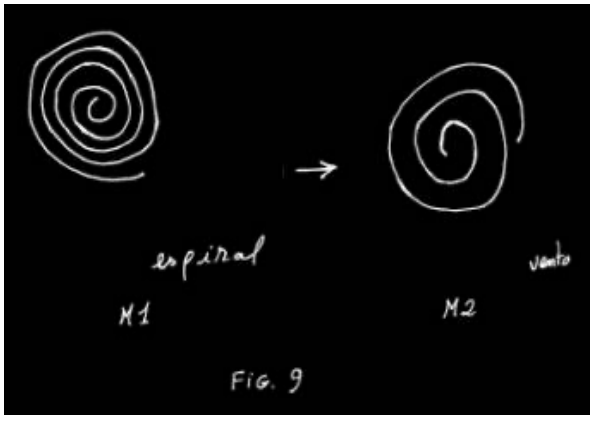
Compreender, desenvolver e controlar tal procedimento comunicativo, seria caminhar em direcção a um contacto ideal com outros seres conscientes e promover o estabelecimento de ligações mentais **onde** e **quando** eles possam eventualmente existir.

A hiperestesia, a telepatia e a percepção remota, a serem devidamente estudadas e manipuladas, poderiam configurar precisamente esse anseio de uma **comunicação universal** ideal, mente-a-mente. E isto tanto a nível inter-humano quanto a nível extra-humano: já porque se prescinde de quaisquer sistemas de signos culturalizados, já porque tudo parece acontecer fora do tempo e do espaço, onde por conseguinte as distâncias, quaisquer que sejam, não constituem obstáculo.

Tivemos oportunidade há alguns anos de realizar experiências simples a fim de caracterizar semiologicamente o processo telepático humano.

Limitamo-nos a transcrever aqui um breve exemplo, permitindo-nos remeter o leitor interessado para o texto completo: "**Comunicação telepática e hiperestésica sob indução hipnótica**", publicado em «*Arte, Comunicação e Semiótica*» (Edições UFP, Porto, 2003), inserto também nas Actas do Simpósio Internacional «*Fronteiras da Ciência*» organizado pela Sociedade Portuguesa de Exploração Científica (SPEC) em 1997.

(Disponível na Web: http://www.pedrobarbosa.net/artigos_online-pdf/Artigo-Telepatia.pdf)



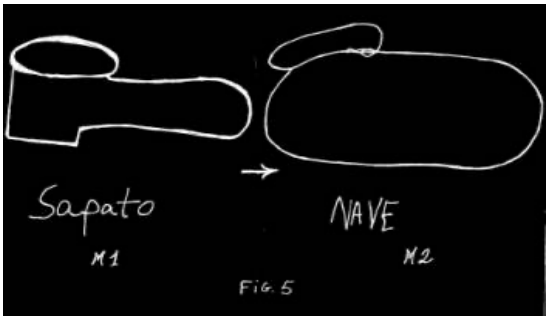
O nosso objectivo prioritário foi colocar em confronto a comunicação hiperestésica e telepática realizadas em dois estados de consciência distintos: em estado de vigília e sob indução hipnótica.

Pudemos neste estudo concluir que em estado hipnótico os mesmos sujeitos reagiam com uma precisão inequivocamente superior à do estado de vigília, o que explicará por que razão os inúmeros depoimentos de "contactados" e "abduzidos" referem uma espécie de indução mental de tipo hipnótico que os imobiliza ou adormece antes e durante a interacção comunicacional com **seres alienígenas** (cf. adiante os 4 casos de contacto alienígena analisados).

Designando sempre por **M1** a mensagem de origem "induzida" à partida e por **M2** a mensagem "captada" à chegada, efectuámos experiências em salas separadas, usando *imagens* associadas a *palavras* que lhes correspondessem e traduzissem a sua "ideia". Pretendíamos discernir os elementos visuais e conceptuais que passavam de M1 para M2.

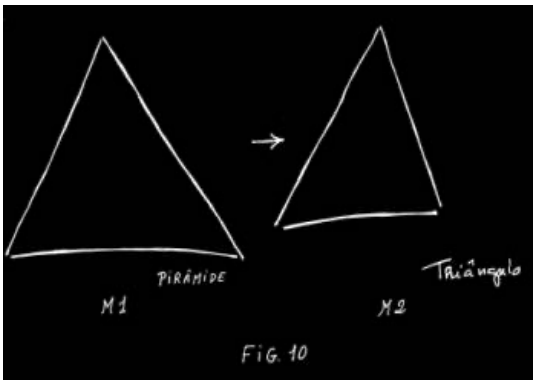
Para abreviar traremos para aqui apenas dois exemplos.

Note-se, na Fig. 9, que o movimento de rotação da espiral emitida e da espiral captada são inversos porque o sujeito emissor e o sujeito receptor, embora a distância, se encontravam de frente um para o outro, e portanto em orientação espacial oposta; contudo, se as imagens são notoriamente equivalentes, já o mesmo não acontece com as palavras escritas por baixo (espiral e vento). Esta experiência foi realizada sob **estado hipnótico**.



Já a experiência ilustrada na Fig.5 foi realizada nas mesmas condições que a anterior mas em **estado de vigília** (com o sujeito acordado, embora depois de ter sido hipnotizado): e observe-se que a correspondência das imagens é bem menor. Tanto assim que o sujeito receptor, ao ser instado para que escrevesse uma palavra correspondente ao que desenhou, e após longa hesitação, interpretou o seu próprio desenho como sendo uma "nave" (M2) e não como um "sapato" (M1). Ou a "espiral" como "vento" no caso da imagem 10. Tudo indica que se a imagem foi subliminarmente captada com grande fluidez, o mesmo não aconteceu com a "ideia" materializada na palavra: o sujeito receptor limitou-se a interpretar M2 e não a receber a ideia de M1. O que aparentemente terá sido captado foi a "forma visual" de M1 (elemento sensorial) e não a "ideia" (elemento conceptual).

A experiência seguinte baseou-se na ideia de "pirâmide", ideia que nos foi sugerida por uma aluna presente para que não ficassem dúvidas sobre qualquer hipótese de combinação prévia minha com o sujeito-receptor. De notar que eu estava pouco concentrado na ideia de pirâmide, mas antes em como a concretizar visualmente, sabendo da minha manifesta inépcia para o desenho. Assim ficou desenhado no papel um simples triângulo, tendo sido escrita por baixo a palavra "pirâmide" (M1). O sujeito receptor, agora **previamente hipnotizado** mas de olhos abertos, fixou-nos atentamente na testa (tudo foi filmado em vídeo para análise posterior) e de imediato realizou o desenho de um "triângulo" sem a menor hesitação, enganando-se contudo na "palavra-ideia", onde escreveu "triângulo" em vez de "pirâmide" (Fig. 10). Os intervalos entre os traços e o alongamento dos ângulos devem ser examinados tendo em conta a simetria do posicionamento entre emissor e receptor (no vídeo é tudo mais explícito).



Estas e outras experiências similares levaram-nos a concluir que o sujeito-receptor apenas "interpretava" *a posteriori* a sua própria imagem (M2) - essa sim, captada extra-sensorialmente e materializada no papel – daí ter escrito "triângulo", que era o que ele via, e não aquilo em que eu *pensava* enquanto sujeito-emissor (a ideia de "pirâmide").

Uma vez mais se constatou, no âmbito do contexto descrito, que a componente sensorial da comunicação hiperestésica ou telepática foi quase sempre parcialmente conseguida, ao passo que a componente conceptual resultou inteiramente nula.

Assim:

M1 = M2 → na componente sensorial (icónica, analógica) e emocional da comunicação (pathos)
M1 ≠ M2 → na componente conceptual (verbal, arbitrária, convencional) da comunicação (logos)

O que justifica o modelo de uma comunicação cindida em duas mensagens, como adiante é referido.

E bem assim o termo adequado de "telepatia" para este fenómeno extra-sensorial (sensação a distância), mas não já a errada designação comum de "transmissão de pensamento". Estamos a falar de telepatia humana, como é óbvio!

Importa ainda esclarecer que, noutros casos e com outros "sujeitos" em estado hipnótico, estes fenómenos de comunicação hiperestésica e telepática não ocorreram. E ainda que não tenhamos

podido fazer quaisquer experiências sistemáticas orientadas nesse sentido para que possamos extrair conclusões em definitivo, a nossa experiência neste campo sugere que:

- Não é a hipnose, por si mesma, que desencadeia estes fenómenos comunicacionais; a hipnose apenas os potencia nos sujeitos "sensitivos" que já os manifestam mesmo em estado normal de vigília. O estado modificado de consciência que a **hipnose** propicia, talvez pela concentração e pela agudização da percepção criada no sujeito, apenas **potencia** as capacidades sensitivas de quem naturalmente já as tem, **não as cria** em quem as não tem.

- As faculdades PSI e hiperestésicas parecem depender sobretudo do sujeito receptor (do "sensitivo" em estado hipnótico) muito mais do que do sujeito emissor ou do "hipnólogo". Contudo, sendo a hipnose a indução de um estado alterado de consciência de um indivíduo para outro, parece-nos mais correcto, por isso mesmo, falar aqui em "**relação hipnótica**". Sendo um fenómeno relacional, ele implica necessariamente os dois sujeitos: o indutor e o induzido, o hipnólogo e o hipnotizado.

- Por indução hipnótica (ou por auto-hipnose) produz-se então uma amplificação das sensações (hiperestesia), gerando um aumento da atenção dirigida e assim bloqueando no sujeito hipnotizado as interferências da corrente de consciência e os estímulos provenientes do meio exterior (tal como acontece na erradamente chamada "meditação espiritual")

Que pode enfim a Semiótica ajudar-nos a concluir da análise comparativa destas experiências relatadas, ainda que o seu reduzido número não nos proporcione quaisquer conclusões de carácter estatístico? Antes do mais isto acarreta uma alteração básica no modelo corrente da comunicação.
Em lugar da comunicação habitual, mediada por uma **única** mensagem unidireccional (feita de sinais materiais) entre emissor e receptor:

Emissor → MENSAGEM → Receptor

ocorre aqui uma dupla comunicação simétrica, cindindo-se o processo comunicacional em **"duas mensagens"** (a do indutor e a do induzido - M1 e M2)**,** dirigidas para um mesmo centro (PSI) em sentido oposto, o que obriga a uma dupla interpretação:

Emissor → MSG 1 { ... PSI? ... } MSG 2 ← Receptor
(zona do desconhecido)

Entre M1 e M2 intercala-se um hiato que é preenchido justamente pela zona do nosso desconhecimento: ondas ou estados vibratórios mentais (PSI) de natureza ainda ignorada?
Mas fica então o dilema: como **certificar/garantir** que M1 corresponda a M2, senão *a posteriori*? Ou seja, que a comunicação se estabeleceu correctamente?
Daqui extrairíamos, para o caso da **telepatia humana** (e sublinhamos, humana), as seguintes conclusões:

- A **falibilidade** e a **inverificabilidade**, senão *a posteriori*, da mensagem estabelecida entre Emissor e Receptor: a rigor passa a haver duas mensagens, separadamente ou duplamente interpretadas por parte do emissor e por parte do receptor. Tudo isto derivado do hiato estabelecido na comunicação {....}, intervalo PSI (ou caixa negra) onde nada sabemos do que realmente se passa em termos semióticos; isto acarreta um elevado **grau de incerteza** na fiabilidade do processo telepático, o qual só após verificação, por confronto das duas mensagens materializadas, M1 e M2, pode ser certificado (grande margem de erro e de insegurança, em suma).

- A linha **emocional** e **sensorial** (expressão icónica) é a que se institui prioritariamente na comunicação hiperestésica, enquanto a linha conceptual e racional (expressão verbal), se é que existe, não a pudemos constatar em nenhuma das experiências realizadas. Foi a interpretação dada pelo sujeito receptor à sua própria mensagem M2, por ele mentalmente captada e depois materializada, que atribuiu um sentido à mensagem espontaneamente captada a partir de M1. Parece pois que a comunicação se cinde em dois fluxos, e que só o fluxo sensorial (icónico) é emitido e realmente captado - o que constitui uma séria limitação à comunicação hiperestésica.

- Mais: se assim for, poderá falar-se com propriedade de **tele-patia** (de pathos, sentimento) mas não de "**transmissão de pensamento**" (do logos), já que nada de conceptual pudemos verificar durante a transmissão.

- A «telepatia», em sentido corrente, comunica a **forma da expressão** (imagem) directamente, não a **substância do conteúdo** (cf.: ideia de "sapato" *vs* ideia de "nave espacial") - fica um **hiato** {..PSI..} que o estado actual do nosso conhecimento científico não apreende e que passa por cima da **matéria de expressão** (para utilizar conceitos de Hielmslev), pois não há a intermediação de sinais materiais, como acontece na comunicação corrente (verbal, visual ou outra).

- Finalmente, há que ter em conta a dificuldade da teoria semiótica para fazer face à **natureza subliminar**, espontânea e aparentemente não-consciente, da comunicação hiperestésica e telepática.

Tudo isto se torna muito esclarecedor quando à luz destes elementos analisamos os relatos de abduzidos e contactados por seres alienígenas. Como se processa essa comunicação e aprendizagem? Por norma o padrão é sempre o mesmo: são levados até um local, espécie de nave ou de laboratório, onde lhes é mostrada uma espécie de filme holográfico, tipo "realidade virtual". Colocados perante esse fluxo de imagens icónicas (as mais das vezes versando o tema apocalíptico da crise ecológica do nosso planeta), os abduzidos são levados a "interpretar" essa mensagem (espécie de M2) aparentemente induzida, projectada ou criada pelos seus abdutores alienígenas (algo como M1). Ora uma interpretação é sempre falível e diferenciada por parte dos receptores humanos, assim se compreendendo melhor a diversidade das "mensagens proféticas", tantas vezes contraditórias, que cada contactado ou abduzido se sente depois na obrigação de divulgar junto da comunidade humana. Tudo isto é quase sempre vivenciado como um estranho sonho, mas um sonho vivido como inquestionavelmente real, o que também se torna compreensível quando relacionamos a interacção mental alienígena com a indução hipnótica ou o controle mental subliminar propiciados por um estado de consciência próximo do "sono" (mas nunca é vivenciado como um sonho natural). Dois livros singulares, onde todo este processo de intervenção alienígena é minuciosamente descrito na primeira pessoa, são dois depoimentos impressionantes de abduzidos americanos que aqui citamos para reflexão: «*Beyond My Wildest Dreams – diary of a UFO abductee*» de Kim Carlsberg, e «*The Keepers – an Alien Message for the Human Race*», de Jim Sparks e com prefácio de John Mack. Quanto a nós estes dois livros (tal como alguns dos relatos do CTEC adiante analisados, em especial o 1º, o 2º e o 3º casos) ganham uma outra consistência à luz do que aqui sugerimos.

A voluntariedade/involuntariedade dos "signos" emitidos e dos "signos" captados permitiria a elaboração de uma matriz que, numa espécie de cálculo semiótico (U. Eco), se aplicasse ao âmbito das modalidades de comunicação PSI extra-sensorial, seriando os principais tipos deste processo comunicacional. Em síntese, fique então o seguinte quadro de diferenças entre Hiperestesia (presencial), Telepatia (transmissão a distância com intenção mútua do agente e do percipiente), Sugestão Telepática (intenção telepática só do agente emissor) e Percepção Remota ou adivinhação telepática (com intenção telepática só do percipiente):

Cálculo Semiótico
(signos diferenciados pela Intenção e Proximidade por parte do Emissor e do Receptor)

	IE Intenção do Emissor	**IR** Intenção do Receptor	**PE/R** presença entre emissor/receptor
HIP – hiperestesia (em presença)	+	+	+
TP – telepatia (a distância)	+	+	-
ST – sugestão telepática (a distância)	+	-	-
PR – percepção remota (a distância)	-	+	-

Estes casos elementares analisados entre humanos esclarecem o que é descrito pela maioria das testemunhas que se dizem "contactadas" por seres alienígenas. O processo parece algo idêntico, embora muito mais controlado e eficaz, sugerindo técnicas hipnóticas de controlo mental, contudo muito mais desenvolvidas e eficazes por parte dos aludidos seres "alienígenas".

IV
ARQUIVOS CTEC
análise de 4 casos de contacto comunicacional

> Es posible que haya un insalvable desnivel de psiquismo entre los supuestos visitantes y nosotros. Una comunicación eficaz implica la comprensión del mensaje recibido. Pero supongamos que las especies que merodean por nuestra atmósfera hayan seguido otra línea evolutiva; su inteligencia se ha desarrollado en diferente dirección o pertenecen a sistemas que nos son abismalmente extraños (multidimensionalidad, universos paralelos, frecuencias vibratorias interpenetradas, «realidades probables» de Seth, etcétera), con un mecanismo cerebral (y su consiguiente proceso lógico), aparato psíquico y dotación sensorial fantásticamente diversos a los del Homo Sapiens. En tales circunstancias (muy probables además en un universo cuya primera magnificencia observable es su asombrosa diversidad), cabe esperar barreras mentales y lógicas infranqueables, la incomunicabilidad radical entre sistemas. Lo que no debe de extrañarnos, pues somos incapaces de dirigir signos y señales reconocibles a los millones de especies animales que nos rodean y no sabemos decirle «me gustas» a un rododendro.
>
> «EL origén del Conocimiento Superior»:
> http://www.menphis75.com/contattati_da_alieni.htm

Passemos então ao exame dos quatro casos do Arquivo CTEC em que a presumível comunicação com seres alienígenas em Portugal no século XX é descrita de modo minimamente analisável.

Importa acrescentar que de entre os inúmeros casos compulsados apenas retivemos:

1º) aqueles que manifestavam de modo explícito alguma forma de comunicação entre os seres alienígenas e os humanos contactados;

2º) e ainda, de entre estes últimos, apenas seleccionámos quatro deles por nos parecerem os mais fiáveis e linguisticamente coerentes.

Este foi o nosso crivo e o critério selectivo.

E iremos neles assinalar, com sublinhados e negritos nossos, as passagens mais significativas dos depoimentos que poderão ser relacionáveis com tudo o que atrás ficou exposto.

1º CASO
(caso nº 9, dimensão 4, referência nº6)
Testemunha: Alberto Manuel da Costa Rodrigues Martins
Local: Benfica, Lisboa
Data: Abril 1978

Desenho 1

Refere o testemunho: (cortado na fotocópia, cf. pelo original)

«Às 24 horas do dia 21 de Abril de 1978, **senti que algo me obrigava a entrar** num estado de "desdobramento"; deitei-me e comecei logo de imediato a ter a visão de uma cidade flutuante o que parecia um aglomerado de cubos depositados numa base mais ou menos triangular, possuindo também vários focos, dois dos quais se movimentavam, e de um momento para o outro vi à minha frente a nave discoidal onde **pude distinguir** através das janelas existentes em redor de toda a nave **um homem e uma mulher**; **acenei-lhes instintivamente,** no que fui **correspondido com um aceno e um sorriso;** a partir deste momento encontrei-me no interior da **nave, onde a partir daí entrei em diálogo amistoso com os extraterresrres,** no que se falou da nossa evolução que se encontra muito por baixo, na qual eles nos querem ajudar, mas que para isso temos que evoluir moralmente para nos tornarmos iguais a eles, dignos de imensos segredos para os quais não estamos preparados; a dado momento dei conta que me injectavam um líquido verde que me parecia viscoso, **perguntei** para que era, **ao que me disseram** que era para me preparar para uma **operação ao cérebro**, **perguntei qual o motivo**, **disseram-me**, a médica de bordo e o comandante, que me queriam activar a parte cerebral que se encontra adormecida, **para que pudesse entrar com mais facilidade em contacto com eles**, daí para a frente nada mais sei pois fui obrigado a acordar bruscamente com o choro desesperado da minha filha…(…) voltei a deitar-me acordando na manhã seguinte por volta das 9 h devido a uma espécie de formigueiro no braço direito onde fui injectado, o que se repetiu por mais duas vezes até que acordei definitivamente.»

Realçaram-se aqui algumas expressões que são claramente indiciadoras de um "condicionamento mental" (**senti que algo me obrigava a entrar**) ocorrido durante o sono e, como acontece na maioria dos casos de abdução nocturna, durante um sono aparentemente perturbado por um limiar cataléptico entre a sensação de dormir e não dormir, de sonhar e estar acordado.
Registe-se ainda o esboço de linguagem gestual correspondida (**acenei-lhes instintivamente,** no que fui **correspondido com um aceno e um sorriso**) e a referência a um "diálogo amistoso" que no entanto não é explicado como acontece: (encontrei-me no interior da **nave, onde a partir daí entrei em diálogo amistoso com os extraterresrres**) telepaticamente?
Embora caia fora do nosso objectivo de análise o estudo do padrão abdutivo descrito – e para nós não constitui elemento desvalorizador o facto de a abdução ter ocorrido durante o sono, pois sabemos que é precisamente durante o sono que muitos desses

casos ocorrem - torna-se sintomática em 1978 a descrição-padrão do interior circular da nave (cf. pormenores no desenho 1), o aspecto claramente humano das figuras desenhadas (razão talvez para a sensação de não estranheza), e a espontânea referência aos seus tripulantes como "extraterrestres" e ao seu carácter "amistoso", muito embora o sujeito se descreva como sendo objecto de uma intervenção cirúrgica de tipo invasivo a fim de poder "**entrar com mais facilidade em contacto com eles**" (aplicação de um implante? Intervenção neurológica?).
Em termos comunicacionais parece este caso enquadrar-se totalmente na **modalidade 3** de comunicação atrás referida, onde parecem evidentes na descrição da experiência vivida algo como indução mental, comunicação telepática e condicionamento ou mesmo manipulação cerebral.

2º CASO

Ocorrência: Dezembro1974 a Janeiro 1975
Carta dactilografada dirigida ao SPEC (J. Fernandes) em 29 Setembro 1993
Excerto de uma experiência ocorrida em África (Angola, Tôto), durante a guerra colonial.
(Testemunha: António José Correia de Oliveira Feijão)

Foi numa noite dessas que por detrás de mim apareceu uma figura branca, da minha altura, 1.80 metros. Rápidamente mudei de posição e olhei-a de frente a uma certa distância. Várias coisas eram estranhas, parecia um corpo iluminado ou pelo menos deveria irradiar luz, mas não. Era ligeiramente desfocada e dava a ideia de haver movimento mas no todo estava estática.
Pareceu-me que sorria e sorri também. Tive a sensação de que produzia um ligeiro vento, mas como estava completamente arrepiado não tive a certeza.
Levantei o braço e acenei. Pouco depois desapareceu. Entretive-me a pensar no assunto e concluí que tinha estado em presença de uma projecção de imagem. Outro facto era o de nessa noite não termos tido contacto visual com a Nave. Arrependi-me de não me ter aproximado. Fiquei bastante tempo com a tal sensação de frio e já não estava arrepiado (as temperaturas no Tôto eram sempre bem altas).
Falei no dia seguinte a um colega sobre o que vira e obtive a resposta, "Não me lixes". Senti que tinha perdido uma oportunidade espantosa e revoltei-me comigo mesmo. Julgo que dois dias depois, a cena repetiu-se. Eu estava perfeitamente calmo. Aproximei-me e de facto aquela figura **sorria** mesmo e produzia uma ligeira brisa. Apesar de desfocada acho que era um homem, de aparência igual à de qualquer homem. Havia movimento por detrás dele, e eram de outros vultos que também me olhavam.
É um pouco difícil explicar a partir deste ponto. Imagine que conversando com alguém, pensa e exprime-se falando. E normal.
Agora suponha que **incontrolavelmente a fala sai-lhe numa língua completamente estranha. Você sabe o que pensa mas não entende o que diz. Pode concluir que está a dizer o que pensa.**
Imagine agora que **"sente" que lhe falam dentro de si**. **Não como uma voz dentro da cabeça, mas como um sopro que entende como palavras. Não como o pensar, mas como o acto de pensar dentro de um vácuo**. Eu sei que não é fácil imaginar isto mas faltam-me palavras para definir melhor esta sensação.
A minha voz soava-me muito baixa e fraca, sem controlo do que pensava sobre o que queria dizer em português. **Não ouvia som nenhum vindo deles, mas entendia-os dum modo estranho, tipo empático.** Convidaram-me a acompanhá-los. Recusei. Voltei a fazer as mesmas perguntas, quem eram, de onde vinham, como se chamavam.
Perguntaram-me quem era. Respondi e devolvi a pergunta. Se precisavam de ajuda, insisti. Mantinham-se sorridentes e desapareceram.

Fiquei sem perceber nada, completamente confuso com tudo, incapaz de raciocinar duma forma coerente. Lembro-me de passados uns instantes, ter achado que fiquei muito estranho por um curto espaço de tempo.
Não percebi porque não responderam às minhas perguntas, uma vez que tinha entendido perfeitamente o convite e o saberem quem eu era.
Passado uma hora talvez, estava sentado quando senti alguém ao pé de mim. Desta vez não era um vulto luminoso, mas sim negro e de feições claras. Ligeiramente mais baixo que eu, não consegui distinguir-lhe bem a cara por no ponto em que estavamos ser pouco iluminado. **Também não falámos, tudo se passou telepáticamente, com a confusão daquilo que pensava com o que queria dizer e ao mesmo tempo "sentindo" a fala do outro.**
Perguntei quem era, respondeu-me que ficaria a saber ou a perceber se o acompanhasse. - O que fazia ali?, qual a intenção de eu o acompanhar? - Que queria mostrar-me algo. "Falámos" durante algum tempo, não me recordo já todas as perguntas que fiz e muito menos da ordem por que foram feitas.
Faço notar que tinha 19 anos, e naturalmente fiz perguntas do género: se ele viajava no passado e no futuro, como é que o homem apareceu na Terra, e coisas desse tipo. **Sentia um "sopro de fala" como resposta mas não entendia claramente.** - Qual a razão de entrar em contacto comigo e querer mostrar-me não sei o quê, porquê a mim? **Foi-me dito muita coisa que não entendi** mas que era relacionado com algo que era necessário fazermos (não percebi quem). Qualquer coisa que devia ou não ter sucedido e que era preciso enfrentar tomando determinado tipo de medidas e era justamente isso que me queriam mostrar. (Esta descrição é feita com palavras minhas do modo como interpretei o que me foi dito). Respondi que não estava ao meu alcance remediar nada nem tão pouco podia tomar decisões.
Expliquei-lhe mais ou menos como estava dividida a Terra, os continentes, as raças e o sistema político e de comando, posicionando-me nele.
Ofereci-me para o apresentar aos meus chefes. De repente fez-me a continência à qual respondi e começou a andar em direcção ao taxway. Era um andar deslizante, talvez como se não dobrasse as pernas ao andar e sem produzir ruído afastou-se mais depressa do que eu esperava. Não vi nenhuma nave à espera dele, e bem olhei em volta a tentar perceber onde se metera.
A minha maior decepção foi que **a todas as perguntas que lhe fiz, senti que na verdade ele me respondia, só que não era claro para mim**, o que é estranho visto eu perceber outras coisas que de um modo mais ou menos claro lhe tirei o sentido, pelo menos julgo ter tirado.
Decorria já o mês de Dezembro. A presença do OVNI junto a nós continuou a ser quase uma constante nocturna, e chegou finalmente o dia em que abandonámos o destacamento, e fomos passar o Natal ao Negage, o principal Aeródromo no norte. Escusado será dizer que das primeiras coisas que fiz foi contar esta história aos colegas de quarto. Os outros pelo seu lado fizeram o mesmo e chegámos à conclusão que ninguém acreditava ou punham demasiadas reservas.
Até uma noite, já em Janeiro de 75, que o OVNI fez a sua aparição no AB 3, Negáge. A Base ficou literalmente iluminada como se fosse um dia cinzento.
Aqui não faço a mínima ideia de quantos homens lá estavam, 1500, 2000 a assistir. Alguns colegas olharam para mim e perguntaram-me se eu não era um extra-terrestre.
Concluindo:
Durante o dia cheguei a deslocar-me ao ponto estimado onde aparecia a nave, muito próximo do rádio-farol. Nunca cheguei a ver nada de estranho ou qualquer marca que me chamasse à atenção.
Tentei bater o capim em volta, mas fui atacado por abelhas e não fiquei com vontade de tentar de novo. (Era normal haver abelhas por ali).
Tínhamos vários cães dentro do destacamento e nunca nenhum deles se manifestou, chegando mesmo a afastarem-se.
Não faço a mínima ideia de quantas vezes apareceu o OVNI, perdi-lhe a conta, assim como também não faço ideia de quanto tempo estive a falar com aquelas figuras.
Quando a nave desaparecia, reparámos a certa altura, que se desenhava um risco no céu tipo estrela cadente mas a subir sempre na direcção norte-sul.
Julgo ter entendido que o facto de eles passarem por nós, se prende com uma determinada deslocação que fazem e a interrompem como quem está à espera de maré propícia a seguir viagem.

As palavras por mim ditas, soaram-me como terminadas quase todas em Í (carregado) e ÍO.
O 1º comandante chamou-me e pediu-me um breve relato de tudo o que aconteceu no destacamento, fiquei com a impressão que mesmo assim não deu importância. O 2º comandante pediu-me o mesmo por escrito mas não o fiz.
Sentirei sempre que muito se devia ter feito naquela altura, mas as condições em que nos encontrávamos não o permitiam. Tentei por exemplo junto do soldado condutor convencê-lo a fazer uma ligação nos faróis de modo a acendê-los remotamente de modo alternado, no meio da placa, virado para o local onde a Nave aparecia. Opôs-se. Na verdade todos nós ignorámos um pouco a situação.
No essencial, penso não ter esquecido nenhum pormenor importante.

António José Correia de Oliveira Feijão

Aparentemente todo este relato poderá ser apressadamente interpretado como um "sonho" estranho. Qualquer céptico ou analista relutante partiria logo deste pressuposto. Contudo, para quem esteja familiarizado com os muitos casos idênticos de vivências abdutivas, conseguirá discernir a diferença e identificar aqui o padrão comum da abdução na experiência rememorada.

Comentemos algumas passagens significativas que deixámos sublinhadas:

- « **Pareceu-me que sorria e sorri também** », correspondência comunicacional subliminar
- « **Levantei o braço e acenei**», idem
- « **incontrolavelmente a fala sai-lhe** [à testemunha] **numa língua completamente estranha. Você sabe o que pensa mas não entende o que diz. Pode concluir que está a dizer o que pensa.**», indução mental? Telepatia? Emissão da substância do conteúdo (conhecida) numa forma de expressão (desconhecida)? Curioso: porque é a primeira vez que nos defrontamos com a descrição de algo assim, exactamente o oposto do que atrás descrevemos nas experiências de telepatia humana sob hipnose! Glossolalia? Transcomunicação mental involuntária? Seja como for, aparentemente um processo enquadrável no MODO1, mas estranhamente no sentido inabitual, pois partiu do ser humano para o ser alienígena, como se absorvesse algo por indução mental do MODO3.
- « **As palavras por mim ditas, soaram-me como terminadas quase todas em Í (carregado) e ÍO** », curiosamente isto muito se aproxima do que atrás dissemos a propósito do Irdin: teria sido o depoente induzido mentalmente (MODO3) a falar na própria língua dos ET´s, quiçá o Irdin? (MODO1 invertido ou MODO2?) – a ser assim, é o único caso deste tipo que conhecemos!!!
- «**"sente" que lhe falam dentro de si** », claramente o MODO3, mediunidade induzida? Telepatia? E subtilmente caracterizada assim a sensação: « **Não como uma voz dentro da cabeça, mas como um sopro que entende como palavras. Não como o pensar, mas como o acto de pensar dentro de um vácuo**»
- « **A minha voz soava-me muito baixa e fraca, sem controlo do que pensava sobre o que queria dizer em português** », idem.
- « **Não ouvia som nenhum vindo deles, mas entendia-os dum modo estranho, tipo empático**», idem pelo lado inverso
- « **Não percebi porque não responderam às minhas perguntas, uma vez que tinha entendido perfeitamente o convite e o saberem quem eu era**», dupla percepção telepática, do conteúdo e da intenção de comunicação (curiosamente um misto de TP e AT, tal como referimos atrás no quadro para a Adivinhação Telepática) (MODO3)
- «**não falámos, tudo se passou telepáticamente, com a confusão daquilo que pensava com o que queria dizer e ao mesmo tempo "sentindo" a fala do outro** », idem, mas com esbatimento das intenções do agente e do percipiente? Algo próximo da hiperestesia? (ver atrás o quadro Semiótico: HIP)
- « **Sentia um "sopro de fala" como resposta mas não entendia claramente**», cf. atrás o que dissemos sobre a falibilidade e inverificabilidade do processo telepático…(MODO3)

- « A minha maior decepção foi que **a todas as perguntas que lhe fiz, senti que na verdade ele me respondia, só que não era claro para mim** », idem, mais claramente reforçada a falibilidade do processo telepático (MODO3)

Em suma: que nos ensina este interessante relato de um avistamento OVNI bem característico da época, acompanhado de encontros imediatos de diversos graus? Em termos da comunicação estabelecida, tudo reforça a ideia de um condicionamento mental, de tipo claramente telepático. Mas aqui, o mais surpreendente não é apenas o sujeito humano "captar" empaticamente os conteúdos mentais dos seres alienígenas, mas sim o facto de chegar a falar, sem saber como, numa língua que lhe é totalmente estranha embora admita que ela traduz o seu pensamento. A língua "deles"? O Irdin? Outra língua alienígena? Ou seja, emissor e receptor falam a mesma língua, mas aqui é o sujeito humano que se exprime na língua dos alienígenas e não, o que é mais corrente, os alienígenas que falam (ou passam a sugestão de que falam) na língua terrena nativa do humano contactado.
E uma análise linguística atenta não deixa brechas para que possamos duvidar à partida da autenticidade subjectiva nem da sinceridade investida neste depoimento!

3º CASO

Mangualde, carta de 16 de Março de 1979.
Testemunho de professora que não deseja ser identificada, membro Rosacruz, onde afirma ter "aprendido a transmitir e receber o pensamento das pessoas, comunicar à distância, sem outra ajuda que não a do próprio pensamento".

«Fiz duas experiências seguidas uma à outra, no mesmo dia e mês de Setembro, com um objecto voador, a que chamarei de "nave". Uma delas, a primeira, foi conformada por 4 pessoas, os meus dois filhos, de 15 e 19 anos, e dois primos (irmãos), um deles engenheiro nuclear da F.A.P. e a irmã doutorada em Farmácia.
Eram 2.30 da manhã. Estávamos juntos, pois nossas casas têm um pátio comum. Preveni-os do que iria fazer; primeiro, tentar entrar em contacto com o tripulante da nave, se fosse tripulada, e depois pedir-lhe que, se caso apanhasse o meu pensamento, fizesse o movimento de subir, descer, recuar e avançar.
Pois bem, a nave estava num determinado ponto do espaço, parada, em movimento de rotação, e mudando alternadamente de cor, ora verde, ora amarela, ora vermelha, além de outra cor indistinta entre o azul e o anil. Mas, ao fazer o meu pedido, ela executou, primorosamente, os movimentos que lhe indiquei.
Fiquei espantada, melhor, estupefacta, pelo acontecimento.
Acto imediato, pedi ao tripulante, tão "gentil" que me enviasse a sua imagem. Esta experiência só eu a posso testemunhar, pois não pode ser confirmada.
Então vejo, **via pensamento**, um homem forte, alto, branco, de olhos claros, cabelos muito loiros pelos ombros, cheios de ondas pequeninas. E barba a acompanhar o tamanho do cabelo.
Esse homem **sorriu-se para mim**.
Passados dois dias, foi então que aconteceu o meu contacto directo com eles. Durmo com minha filha. Costumamos ler até muito tarde.
Nessa noite, sem sono, estávamos a ler. Era 1h 30m da manhã.
Sem eu saber como, encontro-me fora da minha cama, num lugar que não reconheci; tal como estava vestida, de camisa de dormir só de alças, pois o calor era grande. Estou num lugar qualquer, com uma nave redonda por cima da minha cabeça; há uma escada de metal não pintado, estreita, formada de braços sem arestas, que eles soltam para eu subir, o que fiz.
Subi os degraus, encontrei-me num corredor com portas várias dos lados. Era tudo cor de café com leite clarinho. Fui para o fundo, onde havia um compartimento completamente vazio. Não me sentei. Não sei como a nave era comandada. Sei que o "homem", com quem viajei, era exactamente igual no aspecto a qualquer homem terreno era muito alto, teria perto de 2 m de altura, forte sem gordura, moreno, de cabelo preto muito pequenino. Nunca lhe vi um sorriso. Não falou, nem eu me lembro de lhe ter feito alguma pergunta.

Depois foi deixar-me num local onde chovia bastante, dentro de uma casa tipo barracão, onde estava um outro indivíduo igual a ele. Vestiam ambos de um tecido tipo sarja cinzenta. O tripulante da nave vestia um cinzento novo, e o do outro dava a impressão de ter sido já lavado muitas vezes. Usavam calças e blusão de fecho eclair. Fiquei no barracão com o outro, bastante tempo. Sei que comunicámos bastante por telepatia, mas nunca consegui lembrar-me da conversa, porque isso não lhes devia interessar. Entretanto o primeiro regressa, vai ao barracão buscar qualquer coisa e volta a sair. Havia umas escadas que davam acesso directamente da nave ao barracão, feitas em madeira.
Passado tempo, ele regressa novamente. E eu (isto recordei muito bem, pois foi o que me permitiram fixar) olho para ele e faço para mim esta pergunta: "- Que terá este tipo andado a fazer?" e a resposta recebi-a imediatamente, através do pensamento, como se fosse dita em voz alta: "Andei a transportar crianças, vítimas de uma guerra.". "- Como te chamas?" "- John." E nada mais. Subi as escadas com ele, pois sabia que tinha que o fazer. Encontrei-me novamente no mesmo lugar da nave e, a partir daqui, só me lembro que eram 5h da manhã e eu tenho a sensação de estar a entrar na minha cama. Sinto que estou a entrar na cama, sem ser eu a fazê-lo.
Agora falta contar algo relacionado com isto. A minha filha, sem sono nenhum, às 1h e 30m, dá conta de grande barulho, tipo reactor, sobre a nossa casa (vivemos numa aldeia a 2 km de Mangualde). Imediatamente sente que os olhos, sem ela querer, se fecham e lhe **dá um sono profundo**, que passado pouco tempo termina, e ela não me vê na cama.. Minha mãe, que dorme num quarto ao lado do meu, também ouviu esse grande barulho, e pensou que eram carros à nossa porta […]. Entretanto a minha filha não se preocupou muito com a minha ausência. Há anos que eu estudo e me dedico ao problema OVNI, e ela começou a apaixonar-se por isso também. Imaginou logo que eu teria sido "levada a dar uma volta" com eles, porque eles sabiam que me interessavam muito e não tinha medo.
Ela, realmente, ao ver-me novamente na cama, estava a romper o dia, perguntou-me: "- Mamã, onde é que eles a levaram?" E eu respondi: "- Não sei, só sei que onde estive chovia a potes". […]
A verdade, porém, é que eles existem. **Há-os iguais a nós**, já pude comprová-lo. **Compreendemo-nos sem falarmos**, e não nos querem fazer mal. Já o teriam feito se fosse essa a intenção, há tantos anos que por cá andam. Eu acho até que cá na Terra andarão muitos deles misturados connosco. Os que não podem permanecer cá são aqueles cuja configuração não se assemelha à nossa e horroriza quem os vê.»
[…]
Como é que eu saí de minha casa?
Como é que eu entrei?
Por que me levaram?
Porque não consigo lembrar-me de tanta coisa que eu gostaria de saber?
É uma incógnita.
«[..]»

Só mais tarde a depoente se recordaria do nome do ser que a contactou:

«…a tal palavra que me surgiu com insistência suponho que foi depois da tal imagem do homem loiro: é ILICRANÈ, que eu pensei que fosse latim, "illi cranae"»

Notas breves:

1) «**Compreendemo-nos sem falarmos**» e «Sei que comunicámos bastante por telepatia, mas nunca consegui lembrar-me da conversa»: caso óbvio de comunicação telepática com a particularidade de o "encontro", a ser real, ter sido propiciado por indução telepática voluntária da contactada (o que, confessamos, nos deixa alguma perplexidade porquanto sabemos que normalmente este fenómeno dificilmente é orientado e dirigido voluntariamente por parte dos seres humanos) MODO3
2) «sente que os olhos, sem ela querer, se fecham e lhe **dá um sono profundo**, que passado pouco tempo termina, e ela não me vê na cama »: exemplo de indução hipnótica paralizante das testemunhas presentes durante uma abdução (caso-padrão) MODO3

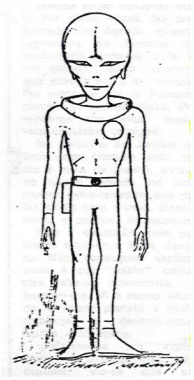
3) «**Há-os iguais a nós** » e « e não nos querem fazer mal. Já o teriam feito se fosse essa a intenção, há tantos anos que por cá andam. Eu acho até que cá na Terra andarão muitos deles misturados connosco »: o que igualmente confirma a nossa afirmação no início deste estudo, de que muitos "alienígenas" assumem a forma humana e se misturam connosco sem se darem a conhecer como tal (nomeadamente os antarianos).

Observação: se todo este relato não foi um "sonho" (o que não invalida liminarmente o testemunho, pois é sabido quantas vezes estes contactos são efectuados durante o sono) houve **condicionamento mental** em relação à testemunha. Porque ousou ela entrar na "nave" sem qualquer receio ou hesitação? Porque não retirou informações mais precisas de uma oportunidade tão especial para esclarecer um assunto que, segundo diz, a apaixonava há muito? Sem querermos ousar duvidar do depoimento (nem sequer temos bases para o fazer, quer pela negativa quer pela positiva), este relato insere-se claramente entre as experiências subjectivas estudadas por Jung em «*Un Mythe Moderne*» como constituindo a emergência de um arquétipo profundamente enraizado no nosso inconsciente colectivo…

4ª CASO

«Diário de Notícias» - FUNCHAL
18/02/1979
Título: "Jovem madeirense protagonista de encontro imediato de 3º grau"

Um jovem madeirense de dezanove anos de idade é um dos únicos (ou muitos?) seres humanos que foi contactado e "viajou" até outro planeta do nosso Universo, tendo sido levado até lá, por duas vezes, a bordo de uma nave extra-terrestre.
O primeiro episódio da insólita experiência registou-se na madrugada de um dia de Dezembro de 1977, cerca das cinco horas e trinta minutos. Segundo a testemunha, a qual por razões óbvias mantemos no anonimato, vários outros "contactos" foram estabelecidos posteriormente, não se tendo contudo dirigido a ninguém mais cedo porque o podiam considerar "demente" ou lunático. […]
Também na Madeira, como em muitos lugares da Terra, desde há muitos anos que algumas pessoas, ligadas directamente à astrognose e ao mentalismo, recolhem dados que lhes permitem afirmar que o arquipélago da Madeira é um dos locais privilegiados onde aterram as naves alienígenas que, conforme o testemunho de hoje, cá vêm tomar os seus "convidados". […]
«Comecei a ouvir um som fantástico. Abriu-se uma claridade no meu quarto. Olhei para cima e vi um grande e fantástico "disco voador" – assim nos começou a contar a sua experiência este jovem, entre uma emoção bastante visível e um relato seguro e circunstanciado. […]
«Então **uma voz falou. Era um ser extra-terrestre, que se exprimia num brasileiro pouco compreensível** e que disse entre outras coisas: «Não temeis a morte, porque Deus criou os seres terrestres e extraterrestres com espírito.» […]



Desenho 2
Retrato-robot do ovninauta obtido a partir de elementos fornecidos pela testemunha durante o interrogatório. Assemelha-se um pouco ao tipo 1 de "tripulantes" segundo The International Association for the Investigation of the Unexplained, U.S.A.

O contacto naquela madrugada de Dezembro de 1977 durou poucos minutos. O clarão apagou-se e os vultos passaram. […] **O seu corpo ficara paralisado até ao desaparecimento do ovninauta**.

«Desde então tenho-os visto várias vezes. No ano passado, em Agosto, quando regressava ao Funchal de madrugada, vindo de leste, vi um grande "disco voador" que pairava sobre o Pináculo. […] No princípio de Janeiro último, eram também cinco horas e meia da manhã, estava no quarto quando **"vi uma mulher extraterrestre que me fez sinais com a mão. Depois sorriu e partiu.** […] Mas a descrição mais polémica situa-se a 8 de Janeiro. Não conseguia explicar como é que "aquilo" começara. «Vi-os novamente. E levaram-me. Vi o nosso Mundo, o nosso planeta a muita distância e desembarquei noutra civilização.»

«Falaram-me em inglês, agora. Imperfeito, mas perceptível. Via-se que era aprendido….»

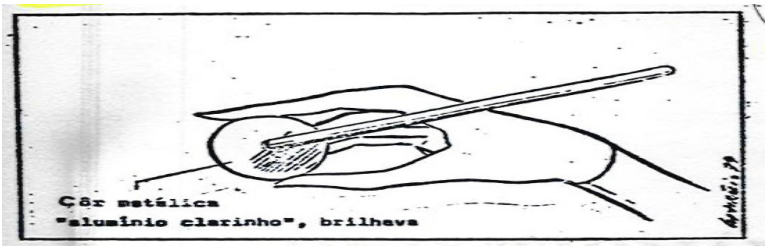
«Subia-se a bordo por uma espécie de rampa que saía do centro do OVNI. Parecia de luz. Não sei como era aquilo! Não posso explicar.»

«O interior era todo cheio de botões e tinha umas janelas que pareciam televisores. Interiormente a cor era branco-nuvem.» Naquela "sala" estavam quatro ovninautas (1). Respondendo a perguntas que lhe foram postas, a testemunha afirmou que os seres eram "lindíssimos". As vestimentas eram justas ao corpo "assim como uma cor de papel amarelado"; as botas um pouco mais escuras; as mãos estavam descobertas».

«Deram-me um pequeno empurrão, gentil, para entrar. Fiquei sentado numa cadeira. **Quando partimos, o que falava comigo disse-me: «Take another chair in front of the window for see the World and our planet»**.

O nosso interlocutor revelou-nos ainda que uma nova experiência ocorreu no passado dia 8 de Fevereiro, em que foi levado até ao planeta donde normalmente se deslocam estes seres. «É uma civilização ultra-moderna», disse-nos, acrescentando: «Quando entrei no outro Mundo (o mundo deles) fiquei tão impressionado que não dá para revelar o que vi. Eles vivem com mais uns milhares de anos de avanço sobre nós».

«Eles **disseram-me** ainda quando me encontrava a bordo: "O nosso planeta fica muito perto da vossa Terra, mas para vocês demora muito tempo a chegarem lá».



Desenho 3

Aspectos da "sonda" utilizada pelos seres alienígenas para, segundo o nosso interlocutor, fazer o "exame médico" (Cf. atrás o termo antariano KONDONK para designar este tipo de instrumento)

Um pormenor interessante relatado por esta testemunha é o de ter sido «submetido a um exame médico» a bordo da nave. «Eles viram a minha saúde. Tinham uma coisa na mão, redonda como um tubinho, que passaram por todo o meu corpo. As pessoas de lá parece que não têm doenças.»

Depois de cerca de quatro horas no espaço, tempo que calcula ter permanecido em "viagem", o nosso entrevistado diz que se lembra de voltar a casa, sentindo-se atordoado e com formigueiros pelo corpo, especialmente na cara, e tremores de frio.»

Comentários:

:

1) «Então **uma voz falou. Era um ser extra-terrestre, que se exprimia num brasileiro pouco compreensível** »: comunicação na língua nativa do contactado (MODO1) Por informações documentadas que possuímos (mas que não será aqui o momento de

divulgar), esta modalidade tem sido particularmente utilizada pelos Antarianos, que têm a capacidade de assumir a forma humana e de se inserirem entre nós, aprendendo o nosso comportamento ou assumindo-o mimeticamente. Por isso mesmo não nos causa pessoalmente estranheza que os "ovninautas" deste depoimento falem tão *naturalmente* as nossas línguas, e sintomaticamente o "brasileiro", já que, entre outros, este "povo antariano" (ao que presumimos saber) se tem vindo a instalar em colónias na floresta amazónica e nos cerrados de Goiás, desenvolvendo a sua acção sobretudo na América do Sul (e também, embora mais discretamente, em Portugal).

2) «**Falaram-me em inglês, agora. Imperfeito, mas perceptível. Via-se que era aprendido**»: *idem*, línguas terrenas aparentemente aprendidas para se comunicarem com os humanos. Este caso ilustra bem a modalidade 1 que aqui referimos, em que os seres alienígenas se exprimem usando os idiomas falados no nosso planeta, sobretudo quando assumem a forma humana e pretendem passar despercebidos em convivência connosco. (MODO1)
3) « O seu corpo ficara paralisado até ao desaparecimento do ovninauta »: indução hipnótica? MODO3
4) «**vi uma mulher extraterrestre que me fez sinais com a mão. Depois sorriu e partiu**»: comunicação gestual com entendimento de códigos

Em conclusão.
Aqui é óbvio que haverá que dar desconto ao sensacionalismo jornalístico do relato. E naturalmente abstemo-nos de fazer qualquer juízo de valor sobre a autenticidade dos factos, pois não dispomos de dados acrescidos ao mero relato, nem sobre a sinceridade do depoente, por mais fantasiosa que possa parecer a muitos a vivência descrita. Vale o que vale, embora não nos cause a nós pessoalmente estranheza o seu lado insólito e o quase inaudito carácter deste "excursionismo interestelar". Há nele uma semelhança manifesta com muitos outros relatos de abdução registados por esse mundo fora: caso-padrão de abdução com experiências médicas (encontro de 5º Grau). Aqui com a particularidade de as várias abduções terem sido feitas com total consentimento do contactado e aparentemente sem qualquer temor. Só isto nos causa, temos de o confessar, alguma perplexidade: pois nem sequer é referida qualquer preparação prévia do "turista espacial" para o efeito. Valerá tão-só como mais um exemplo do mito junguiano?
Não há como decidir sem provas extra…Mas quem somos nós para, de dentro da nossa subjectividade, nos pronunciarmos sobre a subjectividade do outro?
Regra de Aimé Michel: «Manter a mente aberta a tudo e não acreditar em nada».
O universo na sua infinitude é infinitamente mais criativo do que a nossa finita imaginação pode alcançar. Sabemos isso o bastante para sermos cautelosos face ao que nos parece inverosímil.
A nossa regra investigativa é: duvida sempre do que te é dito, mas não tanto que a tua compreensão se feche ao que te escapa.
E aceitemos a finitude do nosso entendimento ante o incomensurável que nos excede.
Não temos medo de errar - temos medo, sim, dos saberes definitivos. Sabemos que a verdade humana é o interminável caminho feito sobre a estrada do erro!

PEDRO BARBOSA, PhD
(versão Out. 2009)

****

Referências bibliográficas:

Arquivo CTEC: Porto, UFP.
BARBOSA, Pedro: *Arte, Comunicação & Semiótica.* Porto, Edições Universidade Fernando Pessoa, 2002
BARBOSA, Pedro: «Comunicação telepática e hiperestésica sob indução hipnótica» (análise de uma experiência pessoal) – Actas do Simpósio Internacional «Fronteiras da Ciência» organizado pela Sociedade Portuguesa de Exploração Científica» (SPEC) em 1997, também in «Anomalia», volume 5, 2001, pp. 115-130; http://www.pedrobarbosa.net/artigos_online-pdf/Artigo-Telepatia.pdf
BLANCO, Javier García: *Humanoides*. Madrid, Editorial EDAF, 2003
CARLSBERG, Kim: *Beyond my Wildest Dreams (Diary of a UFO abductee).* Santa Fe-New Mexico, Bear and Company Publishing, 1995
ECO, Umberto: *A Procura da Língua Perfeita*. Lisboa, Presença, 1996
ECO, Umberto: *Il Segno*. Milano, Istituto Editoriale Internazionale, 1978
FONTENELLE: *Entretiens sur la Pluralité des Mondes* (1686). Association des Bibliophiles Universels, 1993
JUNG, Carl: *Un mythe moderne.* Paris, Gallimard, 1974
KAKU, Michio : *Mundos Paralelos.*Lisboa, Editorial Bizâncio, 2006
LAKE, Gina: *Contato Extraterrestre*. São Paulo, Editora Pensamento, 1997
LUPASCO, Stéphane: *L´Énergie et la Matière Psychique.* Monaco/Paris, Editions du Rocher, 1987
MONTES, Juan Díaz: *Humanóides – los otros seres.* Barcelona, Instituto de Investigación y Estúdios Exobiológicos, 2003
MOURÃO, José Augusto: *"Hibridismo e semiótica"*. In «Revista de Comunicação e Linguagens», Lisboa, FCSH, Nª 29, Maio de 2001, pp. 287-301
ROMO, Rodrigo: *Os Avatares Cósmicos.* Carcavelos, Editorial Angelorum Novalis, 2004
ROMO, Rodrigo: *A Ajuda que vem do Céu – Operação Resgate.* Carcavelos, Editorial Angelorum Novalis, 2005
SAGAN, Carl: *As Ligações Cósmicas* (The cosmic connection). Lisboa, Bertrand, 1987
SPARKS, Jim: *The Keepers (an alien message for the human race).* Columbus, Wild Flower Press, 2006 (prefácio de John Mack)
TRIGUEIRINHO: *Portas do Cosmos.* São Paulo, Editora Pensamento, 1997
WAEBER, Rolf: *Who is Who in the Greatest Game of History – an overview of extraterrestrial races*. Canada, USA, UK, Trafford Publishing, 2005

Fontes da Internet especialmente compulsadas para recolha de dados e de imagens:

«CONOCIMIENTO SUPERIOR – Unidad Bioelectronica del Ser Humano », (em linha); sítio consultado a 20 Julho 2006; http://www.geocities.com/rosacruz06010/hk1.htm
«SPECTRO – Mundo Paranormal», (em linha) webmaster: Antonio Miguel Delgado; portal consultado a 21 de Julho de 2006; http://www.mundoparanormal.com/docs/index2.html

****

© Copyright Pedro Barbosa, 2009